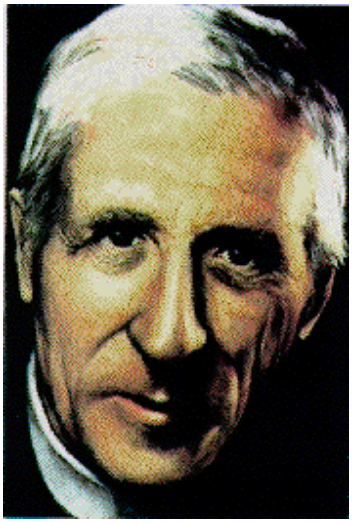
IHU On-Line
Ano 5 - Nº 140 – 9 de maio de 2005



Teilhard de Chardin

Cientista e místico

INDICE

EDITORIAL **3**

MATÉRIA DE CAPA **4**

Teilhard de Chardin. Ciência e fé *4*
A obra de Teilhard de Chardin segundo Lima Vaz 5
Nada é profano para quem sabe ver *6*
"Somos parte de um processo cósmico que está em andamento" *7*
Entrevista com Lothar Schäfer 7
"Entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande" *12*
Entrevista com Anne Dambricourt-Malassé 12
Planetarizar o mundo para humanizar sua vida *15*
Entrevista com Marie-Jeanne Coutagne 15
Cientista, místico e poeta *17*
Entrevista com Jacques Arnould 17
Uma leitura pós-moderna do cosmos *21*
Entrevista com Geraldo de Mori 21
Uma cosmovisão original: Teilhard, a engenharia e as matemáticas *23*
Entrevista com Pedro M. Guimarães Ferreira 23

DESTAQUES DA SEMANA **25**

LIVRO DA SEMANA 25

LEITE, Serafim. *A História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. 2.212 páginas em 4 volumes. CD-Rom com mapas, desenhos, cartas e plantas da 1ª edição. Coordenador do projeto: padre César Augusto dos Santos. 25
Épicos e heróicos jesuítas *25*
Por Marco Morel 25
ENTREVISTAS DA SEMANA 27
A crise como estado natural *27*
Entrevista com Thomas Luckmann 27
"A esquerda não está mais isolada" *31*
Entrevista com Ernesto Laclau 31
MEMÓRIA 34
Bandung, cinqüenta anos depois 34
DEU NOS JORNAIS 37
FRASES DA SEMANA 43

EVENTOS IHU 44

IHU IDÉIAS 44
Biodiversidade em crise 44
Floresta com Araucária; riqueza faunística e ameaças ao bioma 45
A consciência ecológica não cresce com a velocidade necessária *45*
I CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA 46
QUARTA COM CULTURA UNISINOS 47
Ciclo de Estudos sobre "O método", de Edgar Morin 47
HUMANITAS ARTE 47
A terra ainda é azul *48*
Por Leandro Selister 48
"Uma reflexão sobre a responsabilidade de cada um perante o meio ambiente" *48*
Entrevista com Cylene Dallegrave 48
III CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL 50
Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas 50
"O escravo não foi vítima passiva do seu destino" *51*
Entrevista com Diorge Konrad 51
SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE 53
Terra habitável. Um simpósio transdisciplinar? 53
Os desafios da Terra para a economia contemporânea 54
O direito e a teoria dos sistemas 54
A cosmologia de Teilhard de Chardin 54
A vida e a obra de Balduíno Rambo 54
Inscrições ainda abertas 54
ENCONTROS DE ÉTICA 54
Pressa, depressa, depressão 55
CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA 55
O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso 55

IHU REPÓRTER 56

CHAIANE THIESEN BITELO 56
SALA DE LEITURA 58
ERRATA 59

EDITORIAL

Há cinqüenta anos, no domingo de Páscoa, morria, em Nova York, Teilhard de Chardin, filósofo e teólogo, jesuíta, mas antes de tudo um paleontólogo e místico.

Celebrar a memória da vida e da obra de Teilhard de Chardin é um dos objetivos do Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade a ser realizado na Unisinos, na próxima semana, nos dias 16 a 19 de maio.

Desta maneira, a Unisinos se conecta com uma série de eventos, que em várias partes do mundo, celebram a imponente e fascinante figura de Teilhard de Chardin. Assim, também o boletim ***IHU On-Line*** *desta semana quer contribuir no conhecimento, na rememoração e análise da obra teilhardiana na contemporaneidade.*

Teilhard, cientista, é movido por uma experiência que é constituída de quatro pontos fundamentais[1]:

1.- ***Paixão do Absoluto*** *– denominação dada pelo próprio Teilhard. No fundo da sua experiência, continuamente – e diríamos mesmo dolorosamente – estava a busca de um sentido, não só para a grande aventura cósmica, mas também para a aventura humana, um sentido que fosse realmente absoluto e necessário. O problema de Deus é o coração, o cerne do pensamento teilhardiano.*

2.- ***Revolução dos tempos modernos*** *– a expressão é de Teilhard. Ele tinha a clara consciência de que a humanidade estava vivendo uma profunda e radical revolução. Revolução não apenas política, mas social, econômica, cultural, mas revolução radical, que implica na transformação total da visão do mundo e, conseqüentemente, da maneira de o ser humano se comportar diante da realidade.*

Foi ela que motivou a interrogação que está no centro das suas cogitações: desde que tomamos consciência da profunda revolução espiritual sofrida pela humanidade moderna, revolução espiritual, intrinsecamente ligada a uma revolução material, surge irresistivelmente a interrogação: tem ainda sentido, para o ser humano, a afirmação do Absoluto? Se a ordem espacial das coisas não apresenta mais a estabilidade de que se revestia a concepção antiga, restará ainda algum lugar para Deus? Ou, numa linguagem mais técnica: Deus teria alguma função de inteligibilidade num mundo evolutivo, onde as coisas se explicam não pela sua posição, mas pelo seu aparecimento, vida e morte? Esta foi a grande interrogação suscitada pela ciência e encarada, de frente, por Teilhard de Chardin.

3.- ***Uma nova imagem de Deus*** *– Para Teilhard de Chardin, o problema principal da humanidade moderna era o seguinte: ela se mostra incapaz de, num gesto de adoração, voltar-se para a imagem representativa tradicional de Deus. Para ele, o problema é que a faculdade de adorar, que é essencial ao ser humano, perdeu seu objeto. Ora, o ser humano não pode, evidentemente, suspender indefinidamente o*

[1] Aqui seguimos, fundamentalmente, o livro de Henrique Cláudio de LIMA VAZ. ***Universo Científico e Visão Cristã em Teilhard de Chardin***. Petrópolis: Vozes. 1967, p. 57-65.

gesto de adoração, que é uma exigência da sua humanidade. A pergunta que instiga Teilhard pode ser formulada assim: É possível encontrar para a revelação de Deus no cristianismo e para a mensagem cristã do Evangelho uma significação permanente e profunda, que supere as formas tradicionais de representação e que se concilie com as novas formas de adoração, que brotam do coração do ser humano moderno?
*4.- **Cristianismo e evolução** – o quarto aspecto do conteúdo da experiência de Teilhard será, finalmente, a tentativa que ele vai empreender de conjugar, levando em conta essa emergência de um novo ideal de vida, de um novo objeto de adoração para o ser humano moderno, os dados fornecidos pela revelação e pela ciência, para elaborar uma síntese entre cristianismo e evolução, entre cristianismo e ciência, entre a fé e o ser humano moderno.*
As entrevistas realizadas com cientistas e especialistas de várias partes do mundo e publicadas no boletim desta semana debatem a atualidade da obra de Teilhard. Assim, contribuem neste número, Lothar Schäfer, químico alemão e professor na Universidade de Arkansas, Anne Dambricourt-Malassé, paleontóloga francesa, Jacques Arnould do Centre National d'Études Spatiales de Paris, Marie-Jeanne Coutagne, filósofa francesa, Pedro M. Guimarães Ferreira, professor titular do Departamento de Engenharia Elétrica da PUC-Rio e Geraldo de Mori, professor de teologia em Belo Horizonte.
A todos e todas uma ótima leitura e uma excelente semana!

(Voltar ao índice)

MATÉRIA DE CAPA

TEILHARD DE CHARDIN. CIÊNCIA E FÉ

Teilhard de Chardin nasceu na região de Auvergne, na França, em 1881 e morreu em Nova York, em 1955. Cientista (paleontólogo e geólogo), filósofo e teólogo francês, entrou na Companhia de Jesus, em 1899. Participou de expedições científicas importantes e abriu o campo da sua pesquisa científica ao debate cosmológico e teológico. Isso o tornou visado nos ambientes oficiais da Igreja Católica, a tal ponto que, ainda depois da sua morte, as suas obras (como ***O fenômeno humano*** e ***O meio divino***) foram colocados sob suspeita num *Monitum* do Santo Ofício, datado de 30 de junho de 1962, porque "têm tais ambigüidades e também erros tão graves que ofendem a fé católica". No documento vaticano, os professores e reitores de universidades e institutos religiosos são exortados a "defender os espíritos, particularmente dos jovens, dos perigos das obras de Teilhard de Chardin e dos seus discípulos".
No entanto, precisamente naqueles anos, um dos documentos mais importantes do Concílio Vaticano II, a *Gaudim et Spes* é fortemente permeada do pensamento de Teilhard de Chardin. O próprio cardeal Ratzinger o admite na sua obra *Principles of Catholic Theology*. San Francisco: Ignatius Press, 1987. p. 334).
Ainda quando vivo, o estudioso foi objeto de disposições disciplinares por parte da própria Companhia de Jesus que o suspendeu do ensino de matérias de caráter filosófico-teológico e o convidou a não publicar mais nenhum texto sobre estes temas.
Os "erros" imputados ao teólogo se referem, principalmente, à sua visão panteísta da presença de Deus no cosmos, a uma insuficiente separação ontológica entre matéria e espírito na

descrição da evolução da matéria até o comparecimento da vida e do homem, a uma provável concepção determinista da encarnação, aspectos que contrastavam com a impostação cosmológica cristã pré-conciliar e levavam, segundo o Santo Ofício, a uma errônea compreensão da historicidade do pecado original.

Muitas daquelas idéias influenciaram, de modo decisivo, a elaboração teológica de não poucos autores do século XX, considerados em perfeita ortodoxia.

O próprio Paulo VI, em 1966, num discurso sobre a relação entre ciência e fé, falava de Teilhard de Chardin como de um cientista que soubera, escrutando a matéria, encontrar o espírito, e que tinha dado uma explicação do universo, capaz de revelar nele a presença de Deus, os traços de um Princípio Inteligente e Criador (Alocução de 24/2/1966, *Insegnamenti*, IV, 1966, p. 992-3).

No dia 12 de maio de 1981, o secretário de Estado, cardeal Agostino Casaroli, escreveu a Paul Poupard, reitor do Institut Catholique de Paris, que "a aguda percepção do dinamismo da criação" do jesuíta e a sua "ampla visão do vir-a-ser do mundo se conjugam com um incontestável fervor religioso".

Mas no *Osservatore Romano* do dia 11 de julho do mesmo ano, uma breve nota da sala de imprensa da Santa Sé precisava que a carta de Casaroli não deveria ser considerada como uma "reabilitação" do estudioso francês, nem deviam ser considerados resolvidos os aspectos problemáticos presentes no seu pensamento.

Jesuíta e geólogo, tendo deixado uma importante obra de paleontologia humana, pesquisador de Deus e da Ciência. Ele percorreu vários países: participou da batalha de Verdun, durante a primeira guerra mundial, do Museu de História Natural de Paris, foi até a China, a Índia e Java, esteve presente na descoberta do Sinantropo, na Birmânia, passou pela África do Sul e morreu em Nova York.

No dia 21 de outubro de 2004, no Simpósio Internacional Teilhard de Chardin. Um mundo em evolução: fé, ciência e teologia, realizado em Roma, o cardeal Paul Poupard, presidente do Pontifício Conselho para a Cultura afirma: "Teilhard foi um homem 'planetário', homem espiritual de formação científica, que ainda hoje, cinqüenta anos depois da sua morte, tem o mérito de nos fazer refletir sobre as relações fundamentais entre ciência e fé, a visão científica que o homem pode ter sobre a evolução da matéria e o novo olhar trazido pela fé cristã sobre a criação, o homem e o universo".

A OBRA DE TEILHARD DE CHARDIN SEGUNDO LIMA VAZ

A obra de Teilhard de Chardin, segundo anota Henrique de Lima Vaz, no livro ***Universo Científico e Visão Cristã em Teilhard de Chardin***. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 42, "permaneceu, na quase totalidade, inédita durante sua vida, porque não obteve permissão dos superiores para publicá-la".

A obra de Teilhard foi publicada após a sua morte. Sua obra completa se compõe, entre outros, dos seguintes livros:

1.- ***Oeuvres completes***. 9 volumes. Paris: Seuil. 1956-1965.
2.- ***Lettres de voyage*** (1923-1955). Paris: Grasset. 1956.
3.- ***Cahiers Pierre Teilhard de Chardin***.5 volumes. Paris: Seuil. 1958-1965.
4.- ***Blondel et Teilhard de Chardin: correspondance commentée par Henri de Lubac***. Paris: Beauchesne. 1965.
5.- ***Écrits du temps de la guerre*** (1916-1919). Paris: Grasset, 1965.

Somente três são os livros compostos por Teilhard de Chardin:

O Meio Divino – (1927), publicado no quarto volume das obras completas, é um tratado de vida interior e de espiritualidade.
Fenômeno Humano – (1938 – 1940), publicado no primeiro volume das obras completas, é uma espécie de suma do seu pensamento. O livro está traduzido em mais de 25 línguas
O Grupo Zoológico – (1948), publicado no oitavo volume das obras completas. O título original é: ***Le Groupe zoologique humain: structure et directions évolutives***. Trata-se de um resumo dos vários aspectos do fenômeno humano

Os outros textos são escritos científicos de geologia e paleontologia, ensaios sobre temas filosóficos, científicos, teológicos, de espiritualidade. Outros, ainda, são meditações e também cartas. Teilhard foi um epistológrafo extraordinariamente fecundo.
Henrique de Lima Vaz comenta: "Teilhard de Chardin pretendeu, de fato, durante sua vida, escrever uma obra global de síntese; mas isso não foi possível, primeiramente, devido a seus trabalhos, suas atividades múltiplas, suas viagens; depois, pelas dificuldades que encontrou para publicar os seus escritos. Como é sabido, não lhe foi permitido publicar, durante sua vida, nenhum livro" (obra citada, p. 40-1).

(Voltar ao índice)

NADA É PROFANO PARA QUEM SABE VER

*A seguir traduzimos e reproduzimos o editorial da revista norte-americana **América,** publicado no dia 28 de março de 2005, por ocasião da Páscoa.*

"C. S. Lewis comparava a ressurreição com uma manhã festiva, na qual nos sentimos uma coisa só com a luz do sol e com o ar fresco. Desta manhã, ele escreveu em ***O peso da glória***: "Não queremos simplesmente ver a beleza, queremos estar unidos à beleza que vemos, atravessá-la, tornarmo-nos parte dela, acolhê-la em nós". Esta, argumentava, é a vida na glória. É, portanto, uma perfeita consonância que passasse para a glória, precisamente num dia de Páscoa, há 50 anos, Pierre Teilhard de Chardin S. J., um místico, que ensinava aos católicos e a muitos outros saborear a ressurreição como uma luminosa manhã de verão.
Na sua morte, chegou a possuir o Deus ao qual havia pedido, rezando: "Ensina-me a tratar a minha morte como um ato de comunhão".
Famoso como paleontólogo e como autor do ***Fenômeno Humano***, um livro que reconciliava cristianismo e evolução, Teilhard, era também um grande místico que ensinou às mulheres e aos homens modernos a encontrar Deus em todas as coisas. Assim, conseguimos apreciar de maneira mais rica do que na Sexta-feira Santa, que a Páscoa representa a realização do mistério pascal. Ele tornou possível que os católicos se libertassem do jugo da espiritualidade tridentina, subjugada pela culpa e pelo pecado. "Se nos aproximamos (da cruz) – escrevia – reconheceremos o flamejante Serafim de Auvergne...o *incendium mentis*", o fogo da alma. Teilhard tornou possível respirar o ar glorioso, pleno de luz, o grande dom da Páscoa. "Mostra-te a nós como o onipotente, o radioso, o ressuscitado", ele rezava, "e para que possamos triunfar sobre o mundo contigo, vem a nós vestido da glória do mundo".
Aquela de Teilhard era uma fé pascal, cheia da presença de Deus. "Sem terremoto ou tormenta", escrevia na *Missa sobre o mundo*, "a chama acendeu o mundo inteiro desde o seu interior. Todas as coisas individualmente e coletivamente são penetradas e atravessadas por ela, desde o íntimo núcleo do mais pequeno átomo até as poderosas leis universais do ser: ela

flui de modo tão natural em cada elemento, em cada energia, em cada conexão na unidade dos nossos cosmos, que se pode supor que os cosmos sejam inflamados espontaneamente". Como ele esperava, assim Teilhard nos ensinou a "ver".

O livro ***Meio divino,*** de Teilhard, levou a espiritualidade de Agostinho de Hipona e de Inácio de Loyola para o mundo moderno. Ele fundiu antigas tradições ascéticas com a fome moderna de atividades criativas, a busca do divino com a evolução natural e humana, a união mística com a descoberta científica. Teilhard ensinou aos seus leitores a abraçar a presença divina nas coisas ordinárias. "Como disse Jacó, acordando do seu sonho", escreveu, "o mundo, este mundo palpável, que nós estávamos acostumados a tratar com desprezo e nojo como tratamos, habitualmente, os lugares que não têm uma associação divina para nós, na verdade é um lugar sagrado, e nós não o conhecíamos. *Venite, adoremus!*

Para entender a influência de Teilhard, é suficiente ler a introdução da *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo moderno* do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*) para sentir o seu sabor teilhardiano. As suas passagens cristológicas estão repletas das suas citações preferidas no que diz respeito a Cristo como modelo da nova criação. Essas passagens sintetizam a sua mensagem de base sobre a santificação da vida humana: Cristo, declaram, "anima, purifica e reforça também aqueles nobres desejos com os quais a família humana busca tornar mais humana a própria vida e fazer com que toda a terra seja submetida a este fim".

O texto reflete o otimismo teilhardiano. "As esperanças de uma nova terra não devem enfraquecer, mas estimular a nossa solicitude em cultivar esta que nós temos, porque aqui cresce o corpo de uma nova família humana, um corpo que também agora é capaz de participar da antecipação da nova era". E reafirma a sua escatologia: "O Senhor é o fim último da história humana, o ponto focal ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos"(GS, n.45)

Também quando refletia sobre a santidade da atividade humana, Teilhard, diferentemente de muitos outros, ansiosos em afirmar o nosso valor humano, não cedeu às tentações de diminuir a divindade de Cristo. Ele revelou um Cristo cósmico digno de ser adorado; o Verbo que preside a Criação; o Cristo total, mente e corpo, cujo sofrimento é completado na história, o *pleroma*, plenitude do ser e o Ômega, destino último da humanidade e de toda a criação.

Ele proclamou um mundo perpassado pela glória de Páscoa. Por esta Páscoa acolhamos o apelo de Teilhard. "Sem deixar o mundo", "mergulhemos em Deus", para que o nosso mundo seja, verdadeiramente, um ambiente, um meio divino.

(Voltar ao índice)

"SOMOS PARTE DE UM PROCESSO CÓSMICO QUE ESTÁ EM ANDAMENTO"

Entrevista com Lothar Schäfer

Para o químico alemão e professor na Universidade de Arkansas, Lothar Schäfer, "um dos aspectos mais importantes do ensinamento de Teilhard é a consciência de que a evolução não chegou a seu término conosco, mas de que somos parte de um processo cósmico que está em andamento e exige nosso compromisso moral com ele". Segundo ele, Teilhard defende a idéia de que sobreviverão aqueles de nossos valores que estiverem em consonância com os princípios da Consciência universal. Assim, a virtude está se empenhando por uma vida que esteja em harmonia com a ordem do universo. Se o universo é semelhante à mente, pode-se esperar que ele tenha tanto uma ordem espiritual quanto uma ordem física e que, nos seres humanos, essa ordem ascenda à moralidade. Explorar as modalidades dessa ordem, e viver em consonância com ela, é a tarefa que nos foi colocada, explica o cientista. Schafer é graduado em Química pela Universidade de Munique, onde também obteve doutorado em Ciências Naturais. Desde 1989, é professor na

Universidade de Arkansas, nos EUA, e integra o corpo editorial do ***Journal of Molecular Structure****, desde 1994. Suas áreas de interesse são físico-química, difração do elétron, química aplicada ao quantum, e química computacional. Nos anos 1980, seu grupo de pesquisa desenvolveu o primeiro instrumento de difração de elétron a gás em tempo real, em que os dados da difração são gravados eletronicamente, melhor que na maneira fotográfica convencional. Este instrumento permitiu executar novos tipos de experiências, que tornam possível observar as mudanças da estrutura molecular durante uma reação química. Lothar Schäfer é autor de* ***In Search of Divine Reality - Science as a Source of Inspiration****. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1997. (Tradução portuguesa:* ***Em Busca da Realidade Divina. A Ciência como Fonte de Inspiração****. Lisboa: Ésquilo, 2003) e* ***Versteckte Wirklichkeit – Wie uns die Quantenphysik zur Transzendenz führt****.(Realidade escondida. Como a física quântica nos leva ao transcendente?) Stuttgart: Hirzel Verlag, 2004. Confira, a seguir, a entrevista concedida pelo professor, por e-mail, na última semana.*

***IHU On-Line*- Como a física quântica se relaciona com o pensamento de Teilhard de Chardin?**

Lothar Schäfer -Teilhard não se refere explicitamente à física quântica, àquela parte da física que lida com o mundo do que é muito pequeno – as partículas elementares, os átomos e as moléculas. Ele não estava consciente das implicações da física quântica da maneira como nós as conhecemos hoje. Não obstante, sua visão da evolução oferece perspectivas da realidade que são muito semelhantes a aspectos característicos da realidade quântica. Por exemplo: atualmente é possível pensar que as partículas elementares têm propriedades semelhantes à mente, porque podem reagir ao fluxo de informações, como uma mente. Os objetos quânticos não têm psique ou inteligência, mas sob certas condições reagem de maneira automática e mecânica a mudanças nas informações que temos sobre eles. A única outra coisa que conhecemos que pode reagir dessa maneira é uma mente consciente. As partículas materiais da física clássica são completamente destituídas de tais propriedades. Ainda assim, Teilhard propôs que a matéria e a consciência não são "dois modos diferentes de existência", mas "dois aspectos da mesma substância cósmica" (Teilhard de Chardin, 1978, p. 25). "Não há dúvida: a chamada matéria bruta certamente é animada à sua própria maneira [...] átomos, elétrons, moléculas devem ter um rudimento de imanência, isto é, uma centelha de consciência. Antes do nascimento da vida orgânica neste planeta, ou o universo não era ainda nada em si mesmo ou ele já tinha formado uma nebulosa de consciência" (Teilhard de Chardin, 1965, p. 74). É espantoso que ele tivesse a coragem de fazer tais afirmações antes que se tivesse conhecimento de quaisquer fenômenos físicos que apóiam tais concepções.

Consciência cósmica

Outro aspecto característico das partículas elementares é sua capacidade de agir de uma maneira que chamamos de "não-local". Em fenômenos não-locais, partículas elementares podem agir instantaneamente umas sobre as outras a distâncias arbitrariamente longas. Entre objetos comuns essas ações são impossíveis, porque nenhuma influência, ou sinal, pode viajar mais depressa do que a velocidade da luz. Mas duas partículas elementares que interagem num ponto do tempo e depois se afastam uma da outra podem permanecer conectadas e agir como se fossem uma única coisa, não importando quão distantes estejam uma da outra. A partir de tais observações, desenvolveu-se a noção de que tudo está interconectado e de que a natureza do universo é a de uma totalidade inseparável. Esse fenômeno permite que se tire uma conclusão notável, destacada pela primeira vez por Kafatos e Nadeau[2] em seu livro *The*

[2] Menas KAFATOS e Robert NADEAU são autores do livro ***The Conscious Universe: Part and Whole in Modern Physical Theory***. Nova York: Springer Verlag, 1990. Algumas citações do livro: "Em nossa nova situação, a ciência não

Conscious Universe: visto que nossa consciência emergiu dessa totalidade e faz parte dela, é possível inferir que um elemento de consciência está atuante no universo. Em outras palavras, uma Consciência Cósmica!

A física quântica permite que se pense o pano de fundo do universo semelhante à mente

Do mesmo modo, em incontáveis passagens de seus escritos, Teilhard expressou a concepção de que um elemento de consciência está atuante em todos os níveis da realidade e de que o processo da evolução biológica foi essencialmente a evolução de uma esfera espiritual, a nooesfera. Nos seres humanos, cria ele, a evolução tornou-se consciente de si mesma e é atraída por um ponto absoluto, o Ponto Ômega, onde a consciência da humanidade será unida com a Consciência que atua no universo. A física quântica nos permite pensar que o pano de fundo do universo é semelhante à mente. A visão de Teilhard o expressa assim: "A mente representa a porção indestrutível do universo" (***L'esprit de la terre***, OC, t. 6). Esses são pensamentos espantosos que não têm base na cosmovisão materialista do tempo dele, que ainda é a concepção ortodoxa da biologia hoje. Fico espantado em constatar que essas concepções têm um possível fundamento na realidade quântica. De modo bem geral, na visão de Teilhard, assim como na realidade quântica, o mental entra no mundo material de maneira natural e a ordem visível do universo se baseia nos princípios de uma ordem transcendente.

A vida está pronta para brotar em qualquer ponto do universo

***IHU On-Line* - Qual considera o principal legado de Teilhard de Chardin?**

Lothar Schäfer - Para muitos, o conceito teilhardiano de "mundialização", ou globalização, e tudo o que ele implica parecem ser seu principal legado, e, em vista de acontecimentos atuais, esse é um aspecto válido. Para mim, um dos aspectos mais inspiradores de seu legado é sua descrição da evolução como um processo que é a expressão progressiva da Consciência Cósmica no mundo material. Abaixo de uma certa complexidade, a matéria parece morta. Para Teilhard, entretanto, a matéria nunca era realmente "morta", mas "pré-vital" (Teilhard de Chardin, 1956, p. 35 e 44). Conseqüentemente, na concepção de Teilhard a vida não é "um acidente fortuito da matéria terrestre", mas "uma propriedade que está presente na substância cósmica inteira [...]" (ib., p. 34). "A vida deve ser considerada algo que está presente e m toda parte e sob forte pressão interna, estando pronta para brotar até da menor fenda em todo e qualquer ponto do universo" (ib., p. 50). Num universo mecanicista, newtoniano, afirmações, assim, são insustentáveis. Se considerarmos, porém, que o universo não é um sistema newtoniano, e sim um sistema quântico em que o surgimento de ordem complexa não acontece

---

argumenta de modo algum contra a existência de Deus, ou do Ser, e aumenta profundamente o senso do cosmos como um todo significante último". "Pessoalmente, concordamos que uma crença na ontologia, ou na existência de um Ser que não é, nem pode ser a soma dos seres, será um aspecto vital da revolução global no pensamento que agora parece ser um pré-requisito para a sobrevivência de nossa espécie". "Se a razão teórica na física moderna um dia remodelar os termos de construção de nosso universo simbólico a tal ponto que influencie nossa razão prática, então conceber um ser humano como, nas palavras de Einstein, 'parte do todo' será o salto de fé que se revelaria mais crítico. E somente dando esse salto, podemos começar, como ele afirma, a nos libertar das 'ilusões óticas' de nossa atual concepção do *self* como uma 'parte limitada no tempo e no espaço', e a ampliar 'nosso círculo de compaixão para abarcar todas as criaturas vivas e a totalidade da natureza em sua beleza'. Mas, é claro, uma pessoa não pode ser levada a aceitar essa proposta simplesmente com raciocínios e argumentos. É preciso ter, a nosso ver, a capacidade para o que Einstein chamou 'sentimento religioso cósmico'". As citações foram extraídas do livro Paul Brockelman. ***Cosmologia e criação. A importância espiritual da cosmologia contemporânea***. São Paulo: Loyola, 2001. (Nota do ***IHU On-Line***)

a partir do nada, mas da efetivação de estados virtuais, então é natural concluir que a vida surgiu em muitos lugares.

O universo inteiro é um sistema quântico

***IHU On-Line* - Que significa, na visão de Teilhard, os estados virtuais e sua atualização?**
Lothar Schäfer - Estados virtuais são estados vazios. A base da vida é molecular. As moléculas são sistemas quânticos e existem em estados quânticos. Um aspecto importante das moléculas é que elas não consistem apenas do estado que ocupam, quando são observadas, mas que cada molécula contém inúmeros outros estados invisíveis que estão vagos. Os químicos quânticos chamam os estados vazios de virtuais, porque eles existem virtualmente, mas não realmente. Eles não são reais num sentido material, pois estão vazios. Os estados virtuais são formas matemáticas, porções de informação, mas eles são mais do que a idéia de uma forma matemática, uma vez que podem tornar-se reais, quando um sistema salta para dentro deles. Visto que os estados virtuais não são reais num sentido material, eles definem uma ordem invisível, transcendente, que é determinada pelas condições de um sistema antes de ser uma ordem real. Em princípio, o universo inteiro é um sistema quântico. Seus estados ocupados formam a parte visível da realidade. Além disso, temos de supor que o universo contenha, assim como moléculas simples, estados virtuais em número infinito. Os estados virtuais são um pré-requisito para a capacidade de um sistema de mudar. Se todos os estados do universo estivessem ocupados, não haveria mudança. O DNA não é diferente. Para cada molécula de DNA, há uma elevada densidade de estados vazios. Numa mutação, um estado virtual de DNA é efetivado. Esse processo pode levar a variações no fenótipo, que a seleção natural avalia depois. O aspecto importante é que a ordem complexa da biosfera não é criada pelo caos nem a partir de nada, como sustentam os darwinianos, e sim a partir da efetivação da ordem virtual de estados quânticos, que já existem antes de serem reais. Os saltos de um estado para outro são determinados pelo acaso, mas a ordem dos estados no qual os saltos vão parar não o é. A concepção ortodoxa diz que, como as mutações são aleatórias, as variações causadas por mutações são criações do acaso. Em contraposição a isso, a Efetivação de Estado Virtual é um modelo empírico simples que mostra como a ordem invisível e virtual, mas preestabelecida pode se expressar espontaneamente no mundo material. Se a natureza do universo é a de uma totalidade, então os estados virtuais que se efetivam em formas de vida não existem apenas neste planeta, mas estão presentes em toda parte. Assim, a conclusão de Teilhard de que a vida brotou "em todo e qualquer ponto do universo" é a única que faz sentido.

***IHU On-Line* - Como Teilhard dialogou com Darwin? E com os cientistas de seu tempo?**
Lothar Schäfer - Não pode haver diálogo entre Teilhard e os darwinianos que sustentam dogmaticamente que a evolução da vida é um processo puramente materialista que surge do nada e por acaso. Darwin sustentou que " a natureza não dá saltos". Em contraposição a isso, a natureza não faz outra coisa do que dar saltos, a saber, saltos quânticos. Assim como a física de Newton, a biologia de Darwin se aplica à superfície mecânica das coisas e tem de ser trocada por uma concepção abrangente da realidade, bem como a fim de levar em conta a natureza quântica da realidade. Teilhard sugeriu essa troca, e, com a ênfase que ele deu à participação da Consciência nesse processo, há uma espantosa convergência entre suas concepções e aspectos característicos da realidade quântica. Se a natureza da realidade é semelhante à mente, então temos de concluir, como o fez Teilhard, que o desenvolvimento futuro da humanidade levará a uma raça humana cada vez mais espiritual e mentalizada.

A ciência quântica mostra o que está errado no nosso modo de vida

***IHU On-Line* - Como a física quântica poderia nos ajudar a compreender os problemas contemporâneos? Como as próprias teses de Teilhard poderiam contribuir para o cuidado do planeta, pensando nas presentes e futuras gerações?**
Lothar Schäfer - Falamos sobre a interconectividade de todas as coisas. Essa é uma propriedade da essência invisível da realidade, mas até mesmo no cotidiano a interconectividade de nosso planeta se tornou óbvia. Teilhard previu essa convergência do gênero humano e ele a via como parte de um processo cósmico que nos levará a novos níveis de humanidade, em última análise até mesmo a uma união com a Consciência Divina. Como seres humanos e sociedades, nós parecemos separados, mas teremos de aprender o que significa que, em nossas raízes, todos nós somos um e fazemos parte do mesmo processo cósmico. Dessa maneira, a ciência quântica nos mostra o que está errado em nosso modo de vida atual, mas ela não tem o poder de nos forçar a mudar esse modo de vida. Sua mensagem tem de ser aceita por nosso próprio livre-arbítrio. Teremos de fazer um esforço para entender que ninguém pode prosperar enganando outros, que nenhum país pode oferecer uma vida que valha a pena a seus cidadãos às custas da supressão de outros países. Assim, temos de começar a exigir de nossos políticos que eles sejam dignos de confiança e não-corruptos. Temos de chegar a um nível de autenticidade e honestidade pública diferente do que é considerado aceitável hoje, e nossas políticas nacionais precisam respeitar o mundo inteiro e proteger seu meio ambiente. A mensagem é clara, mas é difícil fazer com que seja cumprida, porque os corruptores são onipresentes e poderosos, e, em nenhuma outra época em nossa história, as técnicas para manipular as massas eram tão altamente desenvolvidas quanto em nosso tempo. Ocorre-me uma citação recente de cuja fonte me esqueci: "A era da informação é também a era da desinformação".

***IHU On-Line* - Qual foi a contribuição mais importante de Teilhard na compreensão das relações entre ciência e fé?**
Lothar Schäfer - Teilhard acreditava que o processo da evolução biológica era atraído por um ponto absoluto, o Ponto Ômega, onde a consciência da humanidade será unida com a Consciência que está atuante no universo. Nas palavras dele, trata-se da consciência do Cristo cósmico. Ele o descreveu da seguinte maneira: "O ponto singular de convergência da matéria, o Ponto Ômega, é aquele ponto em que o universo [...] se encontra com outro centro ainda mais insondável – um Centro que existe a partir de si mesmo, um Princípio absolutamente final de irreversibilidade e personalização: o único Ômega verdadeiro [...] E é neste ponto que a questão de Deus surge para a ciência da evolução, [...] Deus como a força motriz, o ponto de junção, e o garante" (Teilhard de Chardin, 1956, p. 172). Dessa maneira, Teilhard procurou uma união natural de ciência e teologia, esperando que ela pudesse ser a ciência do futuro. "Assim como os meridianos, ao se aproximarem dos pólos", escreveu ele, "a ciência, a filosofia e as religiões estão fadadas a convergir à medida que chegam mais perto do todo" (Teilhard, 1959, p. 30). Atualmente, não temos aptidões e temos pouca experiência em relação à maneira como poderíamos ter condições de combinar a pesquisa científica e a fé religiosa. Entretanto, o fracasso da cosmovisão mecanicista da era da ciência clássica mostra que vale a pena e é, inclusive, necessário começar a explorar como tal união seria possível.

A evolução não chegou ao fim conosco. Somos parte de um processo cósmico em andamento

***IHU On-Line* - Qual é o ensinamento mais importante do cientista para a universidade contemporânea?**
Lothar Schäfer - Um dos aspectos mais importantes do ensinamento de Teilhard é a consciência de que a evolução não chegou a seu término conosco, mas de que somos parte de um processo cósmico que está em andamento e exige nosso compromisso moral com ele. Portanto, é importante perguntar se a(s) espécie(s) que se seguirá(ão) a nós vai(vão) compartilhar os mesmos valores. Parece seguro propor que somente sobreviverão os nossos valores que estiverem em consonância com os princípios da Consciência universal. Assim, a virtude está se empenhando por uma vida que esteja em harmonia com a ordem do universo. Se o universo é semelhante à mente, pode-se esperar que ele tenha tanto uma ordem espiritual quanto uma ordem física e que, nos seres humanos, essa ordem ascenda ao nível da moralidade. Explorar as modalidades dessa ordem e viver em consonância com ela é a tarefa que nos foi colocada.

***IHU On-Line* - Algum aspecto que não foi perguntado e gostaria de acrescentar?**
Lothar Schäfer - Em seu livro ***Acaso e necessidade***[3], Jacques Monod[4], o grande oponente de Teilhard de Chardin, descreveu a desesperança do ateísmo e materialismo. "Se aceitar a mensagem da ciência em seu significado pleno", afirmou Monod, "o ser humano precisará, finalmente, despertar de seu sonho milenar e descobrir sua total solidão, seu isolamento fundamental. Ele precisará dar-se conta de que, qual cigano, vive na fronteira de um mundo estranho, um mundo que é surdo para sua música e é tão indiferente para com suas esperanças quanto o é para com seu sofrimento ou seus crimes." Em contraposição a isso, eu proponho que nós necessitamos do pacto com a natureza, mas não porque sejamos descendentes de animistas, e sim por causa da necessidade da mente de ficar em contato com o que é afim a ela na natureza – o pano de fundo do universo que é semelhante à mente. Se o universo é uma rede de conexões instantâneas de longa distância, é mais provável que ela inclua a nós do que não nos inclua. Se o universo é semelhante à mente, é provável que ele vá se comunicar com ela. Esse é o novo pacto com a natureza.

(Voltar ao índice)

"ENTRE O INFINITAMENTE PEQUENO E O INFINITAMENTE GRANDE"
Entrevista com Anne Dambricourt-Malassé

Pesquisadora em paleontologia humana no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), Anne Dambricourt-Malassé é secretária geral da Fundação Teilhard de Chardin, de Paris. Segundo ela, a pertinência científica da abordagem, ao definir uma nova medida do real entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, Pierre Teilhard de Chardin revelou a existência de um terceiro eixo em relação ao infinito, o eixo de complexidade consciente que abrange não somente toda a história da vida no planeta Terra, desde 4,5 milhões de anos, como também toda a história do phylum primata há 70 milhões de anos, resultando em homo sapiens, e também, sobretudo, para a história de cada ser humano desde a fecundação. A entrevista a seguir, foi concedida pela pesquisadora francesa por e-mail, na semana passada.

---

[3] ***O acaso e a necessidade***. Petrópolis: Vozes, 1989 (Nota do ***IHU On-Line***).
[4] Jacques Monod, bioquímico francês, recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1965, como um dos responsáveis pela descoberta do RNA mensageiro - molécula intermediária na síntese de proteínas, que faz a intermediação entre o DNA e as proteínas.O prêmio foi compartilhado com seus colegas François Jacob e André Lwoff. (Nota do ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - Qual é a principal contribuição de Teilhard de Chardin à paleontologia?**
Anne Dambricourt-Malassé - Pierre Teilhard de Chardin é um dos primeiros grandes especialistas mundiais da evolução dos mamíferos. Defendeu sua tese em paleontologia[5] animal em 1921, sob a orientação do Professor Marcellin Boule[6]. Classificou várias espécies fósseis de mamíferos, tornando-se o principal responsável do estudo das faunas mammalis desaparecidas da China desde sua partida para Tien Tsin, em 1922. Seu conhecimento se estendeu ao estudo da escala continental dos paleoambientes. Deu origem a uma disciplina, a Geobiologia, que se tornou sistemática e imprescindível para compreender os mecanismos evolutivos. É este conhecimento pluridisciplinar e sua não-especialização em paleontologia humana permitiram ter o distanciamento necessário para destacar a singularidade do phylum primata desde a raiz mammalis primitiva. Pôde, assim, constatar que a evolução biológica dos mamíferos se traduzia por uma complicação crescente do sistema nervoso central, com uma canalização e uma intensificação que resulta no phylum primata, da raiz primitiva ao homo sapiens; o ser humano constitui, de fato, a manifestação mais recente desse processo interno. As descobertas somente confirmaram esta síntese da evolução em dupla escala, a escala intercontinental (meios) e a escala das grandes durações (biologia).

***IHU On-Line* - Como ele soube integrar as ciências e o cristianismo?**
Anne Dambricourt-Malassé - Pierre Teilhard de Chardin, chamado a classificar a questão da Origem do Mal na gênese universal assim como no centro da natureza humana, tentou, então, resolver a questão de sua erradicação pela compreensão do Cristo universal, estendida ao conjunto da criação, desde então compreendida numa perspectiva fenomenal sem comparação com as cosmogonias tradicionais, estáticas.

***IHU On-Line* - Como as universidades do presente poderiam aprender mais com o legado teilhardiano?**
Anne Dambricourt-Malassé - Pela pertinência científica de sua abordagem, pelo rigor de sua dialética em definir uma nova medida do real entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, Pierre Teilhard de Chardin revelou a existência de um terceiro eixo em relação ao infinito, o da duração, ou eixo de complexidade consciente que abrange não somente toda a história da vida no planeta Terra desde 4,5 milhões de anos, como também toda a história do phylum primata há 70 milhões de anos, resultando em homo sapiens, e também, e sobretudo, para a história de cada ser humano desde a fecundação. Uma vida humana é indissociável desta condição universal de emergência. Um pesquisador, ou um universitário, pode, pelo exercício de tal rigor, chegar a mesma constatação e ensiná-la como um paradigma que unifica as diferentes disciplinas científicas. Além disso, como seres humanos pertencentes e integrantes desta condição humana universal, os universitários interpelados pela natureza e a finalidade de sua própria consciência questionada, podem compreender qual papel a consciência e a razão são chamadas a interpretar diante da complexidade, igualmente crescente, dos conflitos e das causas de extinção. Mas para Teilhard, o amor universal é o princípio e o fim, a primeira e a última inspiração e atração entre os seres para salvar todo o "fenômeno humano", compreendido na dimensão cristã, e não mais histórica, o que não é mais

[5] ***IHU On-Line*** dedicou a sua 126ª edição, de 6 de dezembro de 2004, ao tema da paleontologia, sob o título *Passado, chave do futuro*. (Nota do ***IHU On-Line***)
[6] Marcellin Boule, paleontólogo francês, famoso especialista em fósseis. (Nota do ***IHU On-Line***)

uma questão de ensino universitário, e sim uma questão de ética em relação à vida, à evolução e à aceitação de seu mistério.

***IHU On-Line* - O que caracterizava a visão de mundo do jesuíta francês?**
Anne Dambricourt-Malassé - É preciso compreender que o fundamento do pensamento de Teilhard não é uma visão, mas um pensamento estruturado nutrido por uma lógica de grande rigor, de um conhecimento científico de natureza transdisciplinar, logo rara, assim como de uma experiência da dimensão planetária da diversidade humana e paleontológica, fora do comum. É sobre os fundamentos desta racionalidade indiscutível que se erguem as grandes questões espirituais, como a da morte, a do sofrimento e do mal, também a da natureza e do amor. A problemática antropológica toma, desde então, uma dimensão cosmogênica: a da Revelação e que toma uma nova dimensão diante do progresso dos conhecimentos e das conseqüências que resultam. Pierre Teilhard de Chardin dá à razão fundamentos pertinentes ao despertar da esperança na Transcendência, e dá, ao mesmo tempo, na Revelação, a pertinência de uma aspiração à Transfiguração, ao unir-se ao Cristo universal, ao mesmo tempo, cósmico, terrestre e humano, na sua relação tríplice no Pai pela ação do Espírito Santo.

***IHU On-Line* - Teilhard é ou não darwinista?**
Anne Dambricourt-Malassé - Teilhard é darwinista, na medida em que incorpora a seleção natural, o papel do meio ambiente na escala continental dos efeitos climáticos e derivas tectônicas, o acaso, a imprevisão e a adaptação. Revelou a estrutura interna da evolução da complexidade que faltava, e isso, graças ao progresso dos conhecimentos científicos, principalmente em física quântica. Lançou as bases de uma melhor compreensão da origem de uma mudança da organização interna de um sistema.

***IHU On-Line* - Qual poderia ser a contribuição de Teilhard para pensar em termos de uma terra habitável?**
Anne Dambricourt-Malassé - Tendo definido a Geobiologia, Teilhard de Chardin mostrou a ligação estreita entre a organização interna de todo organismo e o nível de consciência associado, a ligação estreita entre a complexidade interna crescente da biosfera devido à explosão da diversidade das espécies e os comportamentos conscientes. Como sapiens, esta ligação torna-se uma conscientização pelo espírito que trata de uma mesma história planetária e, com isso, de um mesmo destino nas mãos do organismo tendo o nível de complexidade/ consciência mais elevado. Aposta inigualável até o momento na evolução da complexidade/ consciência.

***IHU On-Line* - Quais os aspectos que o pensador deixou em aberto e deveriam ser aprofundados?**
Anne Dambricourt-Malassé - Aprofundar o que Teilhard nunca abordou, ou seja, a Ontogênese e, mais particularmente, a Embriogênese do organismo. Isso com a finalidade de agregar à Geobiologia, tida como a matriz terrestre na qual se desenvolve o princípio interno de complexidade consciente, a aparição de uma matriz interna viva, o ovo após a placenta e pensar que à poluição das águas do Planeta se soma a de todos os líquidos amnióticos, um processo de extinção planetário na própria raiz da reprodução do princípio de complexidade crescente.

(Voltar ao índice)

PLANETARIZAR O MUNDO PARA HUMANIZAR SUA VIDA

Entrevista com Marie-Jeanne Coutagne

"O espírito humano não cessa de se elevar coletivamente à percepção de novas dimensões (graças, em particular, aos progressos técnicos); ele pode, se ele o quiser, personalizar a socialização de uma humanidade cada vez mais "comprimida sobre si mesma. O homem pode, então, usar da 'planetização' ou da 'planetarização' para humanizar sua vida: dar-lhe um sentido cada vez mais humano", explica a pesquisadora Marie-Jeanne Coutagne, ao abordar o pensamento e a obra do cientista francês, em entrevista concedida, por e-mail, ao ***IHU On-Line****. Marie-Jeanne Coutagne é professora de filosofia no Lycée d'Etat P. Cézanne (Aix-en-Provence), pesquisadora associada na Universidade Católica de Lyon, e membro da Fundação Teilhard de Chardin, de Paris. É também licenciada em Filosofia e História e doutora em Filosofia, pela Universidade Católica de Lyon. É autora de diversos livros e artigos, entre os quais destacamos:* ***L'action: une dialectique du salut: colloque du Centenaire, Aix-en-Provence, Mars 1993*** *(org.). Paris: Beauchesne, 1994.*

***IHU On-Line* - Quais são as principais contribuições de Teilhard de Chardin à filosofia e à ciência?**

Marie-Jeanne Coutagne - A obra científica (no sentido estrito) de Teilhard é bastante considerável (11 volumes e mais de 4000 páginas) e, também, mal conhecida. Em diversos decênios de carreira, ele percorreu numerosos canteiros de escavações geológicas e paleontológicas na Europa, mas, sobretudo, na Ásia e na África. Ele trabalhou para organizar o mapa geográfico da China, e contribuiu para situar o Sinântropo como homo faber! Enfim, pelo fim de sua vida, ele suspeita que as origens do homem devem ser procuradas na África e orienta, nesse sentido, as equipes que trabalham com ele. Isso está longe de ser negligenciado, principalmente quando se acrescenta que formou (em condições difíceis) a escola geológica e paleontológica chinesa, a qual ainda hoje lhe é reconhecida! No que concerne à sua obra filosófica, eu fico embaraçada com o termo "filosófica": Teilhard pretendia não ser filósofo: ele temia uma linguagem petrificada, jurídica e abstrata, o que o conduziu freqüentemente a fazer da metafísica, embora sem o saber, e, principalmente, sem o confessar, a empregar o método fenomenológico num sentido novo e fecundo, sentido seguramente bem diferente daquele que ele tem na filosofia alemã. Sua originalidade, em sua época, é a de ousar empreender uma síntese entre ciência e teologia, em que a filosofia constitui uma articulação fundamental. Ele redescobre, assim, uma velha tradição.

***IHU On-Line* - Como soube ele associar o mundo da ciência e o cristianismo? Em que sua vida e sua obra podem esclarecer as universidades e sua função no mundo contemporâneo?**

Marie-Jeanne Coutagne - É precisamente este espírito de síntese e o uso do método fenomenológico que lhe permitem pôr em diálogo o mundo da ciência e o cristianismo, numa época em que o conflito domina amplamente: desconfiança do lado dos que crêem e cientificismo e positivismo do lado dos cientistas. Teilhard (sua vida e sua obra dão testemunho) se coloca no coração do problema e aborda a questão da evolução de frente, quando Darwin é incompreendido, vilipendiado ou ignorado! Como Bergson[7], mas de maneira muito diferente, ele

[7] Henri Bérgson, filósofo e escritor francês (1859-1941). A sua filosofia está em estreita relação com o positivismo do século XIX e com o espiritualismo francês, com os quais tenta elaborar uma original simbiose. Definitivamente, o que busca é uma superação do positivismo. Num clima positivista, de aparecimento da crítica científica, de polêmica espiritualista, de neokantismo, tudo isso condicionado pelo auge da ciência, Bergson aborda o problema da relação sistemática do conhecimento científico e a metafísica. (Nota do ***IHU On-Line***)

descobre que a temporalidade e a historicidade afetam todo o real e, evidentemente, o homem também. Trata-se, porém, no caso, do "fenômeno humano" duma gênese que abre o homem para o futuro, gênese não "previamente traçada", mas para a qual, pela cultura, pelo pensamento, pela opção religiosa também, ele pode colaborar. Ele vê a humanidade chamada a convergir, desde que os homens de ciência, os intelectuais, os artistas aceitem cooperar com as religiões (sem confusão de competência). Parece-me que este "programa" pode constituir uma linha diretriz para as universidades de hoje e de amanhã, nestes tempos turbulentos em que nós vivemos!

***IHU On-Line* - Como caracteriza a cosmovisão que marcava o pensamento teilhardiano?**
Marie-Jeanne Coutagne - Para Teilhard, o eixo evolutivo do universo converge para o "fenômeno humano". O homem é solidário do cosmo e de sua história, contudo, ele emerge de maneira original, na medida em que nós somos seres conscientes, seres que sabem e, mais ainda, que sabem... que eles sabem (homo sapiens!). Ora, a evolução não cessa, quando o homem aparece. Biologicamente, ela parece marcar passo, mas ela prossegue sob outra forma. Aplicado ao fenômeno da socialização humana, o critério de complexidade-consciência dá indicações decisivas. No homem, é uma outra espécie de vida que começa com um novo ciclo de organização possível e seu envelope planetário específico, a "noosfera" (esfera da cultura, da reflexão, da invenção consciente, da união sentida das almas). O espírito humano não cessa de se elevar coletivamente à percepção de novas dimensões (graças, em particular, aos progressos técnicos); ele pode, se ele o quiser, personalizar a socialização de uma humanidade cada vez mais "comprimida sobre si mesma. O homem pode, então, usar da "mundialização" (Teilhard teria falado antes de "planetização" ou de "planetarização") para humanizar sua vida: dar-lhe um sentido cada vez mais humano.

***IHU On-Line* - Como Teilhard entende Darwin e a teoria da evolução? Que continuidade ele lhe traz?**
Marie-Jeanne Coutagne - O darwinismo desenvolve uma visão mecanicista: as modificações do meio ambiente e a seleção natural direcionam a história das espécies e fazem emergir, por uma conjugação de diversos acasos, a espécie que nós somos. Teilhard não pode aceitar que a história seja comandada, em suma, "do exterior". Para ele, há uma "ortogênese"[8] e se pode dizer que ele reintroduz um uso particular, mas evidente, da finalidade. No fundo, o que ele procura é um motor interno, uma razão secreta, mas também um sentido. Poder-se-ia dizer que sua leitura da evolução do cosmo e do homem é uma "chave", segundo suas próprias palavras, e, então, como uma hermenêutica, uma interpretação que ele propõe à luz de suas competências conjugadas de homem de ciência e de fé, sem confusão, ainda uma vez!

***IHU On-Line* - De que modo as teses do cientista poderiam contribuir, na contemporaneidade, para uma consciência ecológica de preservação do nosso planeta?**
Marie-Jeanne Coutagne - Não há consciência "ecológica" sem consciência de nossa responsabilidade, me parece! Ora, a solidariedade da evolução de nossa espécie com a da evolução de todo o cosmo e de todo o vivente desperta uma concepção sintética da vida e do desenvolvimento das sociedades. O pensamento de Teilhard, integrando todo o aspecto positivo do progresso técnico, mas insistindo em nossa responsabilidade e na opção que nós devemos fazer para o amanhã, me parece uma "provocação" necessária para hoje! Se nós não

[8] Teoria de que tendências em evolução constituem uma força motriz e continuam sob seu próprio impulso. (Nota do ***IHU On-Line***)

levarmos em conta um desenvolvimento na irrisória medida de uma região, de um país, ou pior, de interesses singulares, nós assumiremos riscos maiores e talvez irreversíveis! Com Théodore Monod[9], os dois homens se encontraram muitas vezes, Teilhard não cessava de se questionar: se a aventura humana fracassar...! Nós temos hoje os meios, não somente de nos destruir diretamente (nós o soubemos depois de 1945), mas de onerar pesadamente o futuro. Também devemos estar atentos ao seguinte: "O único caminho que permanece aberto diante de nós tem uma conservação e um progresso ulteriores da consciência, o caminho da unificação...".

***IHU On-Line* - Poderia aprofundar algum aspecto do pensamento teilhardiano que teria sido objeto de seu estudo mais especificamente?**

Marie-Jeanne Coutagne - Precisaríamos de mais tempo para explorar os aspectos do pensamento teilhardiano que me parecem importantes para o mundo de hoje. Teilhard ultrapassa fronteiras: ele se recusa a admitir que os limites duma disciplina, duma cultura, mesmo duma religião, constituam uma barreira entre os homens. Este grande viajante que sabe amar a aventura, mesmo quando constrangido pelos acontecimentos, procura um sentido mais humano. Na Primeira Guerra Mundial, ele sente que uma tragédia, da qual não nega nenhum dos aspectos destruidores, pode também nos fazer crescer e contribuir para nos unir mais. Ele também confia na própria consciência e, em definitivo, no homem, ao qual, recorda (jamais ele esquece que fala como sacerdote e como cristão), foi prometido o Amor. Sem dúvida, nós podemos não concordar com todos os pontos de vista de Teilhard, e mesmo com algumas de suas análises, porém é impossível esquecer que ele soube reconhecer o significado da pesquisa e, mais amplamente, do esforço humano. A busca do saber não é um jogo, e não se reduz à obtenção de realizações úteis. Trata-se do sentido do destino humano. Nada menos que isso! Na hora em que, por vezes, não soubermos mais onde estão nossas balizas, é bom encontrar um vestígio no próprio homem, na condição de não esquecer que, para Teilhard, como para Blaise Pascal[10], "o homem ultrapassa infinitamente o homem"!

(Voltar ao índice)

CIENTISTA, MÍSTICO E POETA

Entrevista com Jacques Arnould

"Eu escolhi edificar minha reflexão em torno do tema do jardim do Éden, bem entendido, que ocupou um lugar tão importante na história do Ocidente, de sua busca de terras desconhecidas e de novos mundos", diz o Prof. Dr. Jacques Arnould, astrofísico do Centre National d'Études Spatiales em entrevista concedida por e-mail ao ***IHU On-Line.*** *Arnould é responsável pela conferência de fechamento do Simpósio Internacional* ***Terra Habitável: Um Desafio para a Humanidade****, que acontecerá de 16 a 19 de maio, abordando o tema* ***Terra Habitável. Um Desafio para a Teologia e a Espiritualidade Cristã.*** *Jacques Arnould, engenheiro agrônomo, doutor em História das Ciências e em Teologia é frade dominicano. Interessa-se pelas relações entre ciências, culturas e religiões, com um interesse particular por dois temas: o do ser vivo e de sua evolução, o do espaço e de sua conquista. Escreveu várias obras e artigos sobre História e Teologia. Trabalha como*

[9] Naturalista viajante à maneira dos enciclopedistas do século XVIII, grande conhecedor da África sahariana, Théodore Monod morreu em 22 de novembro de 2000, com a idade de 98 anos. Para a comunidade científica internacional, ele foi um grande cientista. Para o público, um humanista generoso (Nota do ***IHU On-Line***).

[10] Blaise Pascal (1623-1662), filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota do ***IHU On-Line***)

encarregado de missão no Centro Nacional de Estudos Espaciais sob a dimensão ética, social e cultural das atividades espaciais. É autor de numerosos artigos e livros entre os que destacamos ***La Théologie après Darwin*** *[A teologia após Darwin], Cerf, 1998.* ***Quelques pas dans l'univers de Teilhard de Chardin*** *[Alguns passos no universo de Teilhard de Chardin], Aubin, 2002.* ***Les Moustaches du diable. Lorsque la foi se frotte à la science, mais aussi à l'astrologie, aux miracles, aux espériences de mort imminente*** *[Os bigodes do diabo. Quando a fé começa a freqüentar a ciência, a astrologia, os milagres, as experiências de morte iminente], Cerf, 2003.* ***La lune dans le bénitier. Conquête spatiale et théologie*** *[A lua na pia de água benta. Conquista espacial e teologia], Cerf, 2004.* ***Pierre Teilhard de Chardin****, Perrin, 2005.*

***IHU On-Line* - Quais são as grandes idéias que o senhor assinala em sua conferência Terra habitável. Um desafio para a teologia e a espiritualidade cristã, que encerrará o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade?**

Jacques Arnould - Eu escolhi fazer minha reflexão sobre o tema do jardim, o do Éden, bem entendido, que ocupou um lugar tão importante na história do Ocidente, na sua busca de terras desconhecidas e de novos mundos. Aquela que, agora, é nossa Terra: o jardim, como eu gosto de repetir, é a expressão mais avançada do domínio da humanidade sobre a natureza, uma rara expressão. Não é preciso ter medo, e sim refletir sobre como devemos, de ora em diante, habitar este jardim, que é a Terra. Quais são os seus guardiões? Qual é o regulamento? Deus é sempre o visitante do entardecer? De fato, nós somos, mais do que nunca, os jardineiros da Terra; nós não podemos abandonar nosso posto, mesmo se devemos reconhecê-lo. Este jardim está "em estado de encaminhamento", para retomar os termos do Catecismo da Igreja Católica, ou ainda, "numa dinâmica do provisório", segundo a bela expressão do irmão Roger Schutz[11]. Mas nós não devemos cruzar os braços!

***IHU On-Line* - Quais seriam as principais contribuições de Teilhard de Chardin para ver na Terra habitável um desafio para a humanidade?**

Jacques Arnould - Uma das principais contribuições de Teilhard de Chardin é de levar a sério os dados científicos de seu tempo. A primeira metade do século XX foi o momento de um incrível impulso das ciências da vida e da terra. Lembremos: a genética, a geologia, a paleo-antropologia abrem uma era completamente nova na maneira pela qual o homem se compreende no seio do universo, da natureza, da história! A filosofia e a teologia tiveram algumas dificuldades para se darem conta desse desenvolvimento científico... e ele ainda não terminou! Teilhard diz: "Não tenhais medo! Mas descobri, ao contrário, as novas maneiras de pensar, de crer, em suma, de viver, que podem suscitar estes conhecimentos científicos inéditos. E, acima de tudo, tenha confiança na vida! "Teilhard, para dizer isso, se apoiava em sua própria pesquisa. Ele estudava o desenvolvimento do ser vivo através da matéria, a passagem dessa matéria à biosfera; ele via as "vagas" sucessivas do ser vivo se instalarem sobre a Terra; ele se maravilhava com essa consciência que se construiu sobre os processos de "complexificação"; ele sublinhava, principalmente, a tendência à reunião, à união: tudo converge, afirmava ele. Ele não ignorava as dificuldades e os limites dessa longa história; ele se interrogava também sobre o sentido, ou antes, o não-sentido do mal, do sofrimento, embora possuísse uma fé incrível na boa e justa finalização deste fenômeno, o fenômeno humano.

[11] Roger Schutz é irmão calvinista suíço, fundador da comunidade monástica ecumênica Taizé, situada na França. (Nota do ***IHU On-Line***).

***IHU On-Line* - Por onde passaria, segundo o cientista, a esperança de uma verdadeira consciência planetária no terceiro milênio? O que significava para Teilhard esperar uma era em que a matéria fosse posta a serviço do espírito?**

Jacques Arnould - Não esqueça que Teilhard era um místico e um poeta. Ele tinha, por vezes, arroubos pouco fáceis de seguir, porém não muito realistas. Não convém procurar precisar como Teilhard via concretamente a instauração da noosfera; mas, é claro que ele se alegraria com a Internet! Esta rede é verdadeiramente teilhardiana, que o jesuíta está disposto a estender no espaço. Há um movimento inscrito no mais profundo da realidade, e mesmo da matéria, que impele para esta complexificação, esta tomada de consciência, este pôr em relação ou em conexão.

A propósito de esperança, permita-me citar um outro cientista francês, François Jacob[12]. No final de seu livro Le Jeu des possibles [O jogo dos possíveis. Lisboa: Gardiva, 1985], ele cita as palavras de um escritor, Tristan Bernard[13], que, no momento de ser preso pela Gestapo, diz à sua mulher: "O tempo do medo acabou. Agora, começa o tempo da esperança." O saber, quer dizer passar da ignorância ao conhecimento, permite, com efeito, abandonar o medo, abrir as possibilidades de um futuro. Não está tudo ganho, mas, pelo menos, o futuro está aberto: é o tempo da esperança. E a esperança? É quando nós podemos dar um rosto a esse futuro. Um rosto humano, ou antes, como na visão teilhardiana do Cristo cósmico, o de Cristo, o de Deus.

***IHU On-Line* - Como Tielhard concebe a retomada da evolução? Em que medida ele dialoga com Darwin?**

Jacques Arnould - Teilhard, formado por seu pai em História Natural, isto é, coletando e descrevendo pedras, plantas, animais, levou, muito a sério, os dados e as teorias da evolução. No entanto, ele foi muito marcado pelo pensamento francês, no seio do qual Lamarck ocupa um lugar central e, com ele, uma dificuldade em integrar ao sistema o fenômeno do acaso. Em toda a sua vida, Teilhard defenderá a idéia de uma evolução determinada (ele fala de ortogênese). Os cientistas, hoje, são mais sensíveis ao lugar da contingência, em outras palavras, da função do acaso, no quadro de constrangimentos variados; eles afastam, pois, em geral, a idéia da ortogênese. Houve, pois, um real debate entre Teilhard e os biologistas mais próximos de Darwin. Elabora e defende Teilhard sua teoria unicamente com base em argumentos científicos, ou é ele antes influenciado por suas convicções religiosas? A resposta a esta questão está longe de ser dada facilmente, uma vez que o pensamento do jesuíta não cessa de evoluir, de se investigar. Mas eu não esqueço que esses debates jamais impediram verdadeiras e profundas amizades a serem criadas, como os embriões da noosfera nascente.

***IHU On-Line* - De que modo Darwin e Teilhard contribuem com a Teologia? Em que sentido a Teologia atual deveria fazer-se interpelar mais por estes autores?**

Jacques Arnould - Evidentemente, Darwin e Teilhard não contribuem da mesma maneira com a Teologia! Darwin não faz Teologia; ele reconhece que suas propostas podem pôr o discurso religioso em dificuldade. Teilhard, evidentemente, não tem a mesma atitude: ele quer contribuir para fazer evoluir a posição da Igreja e dos cristãos, torná-los mais atentos e mais acolhedores em relação à ciência. Ele atualiza a idéia do Cristo cósmico, ele critica uma leitura literal da Bíblia (em particular a do pecado original). Ele convida para uma reflexão renovada da idéia de

---

[12] François Jacob é biólogo e geneticista francês. Recebeu o prêmio Nobel de Medicina em 1965, junto com André Lwoff e Jacques Monod pela descoberta do RNA mensageiro - molécula intermediária na síntese de proteínas, que faz a intermediação entre o DNA e as proteínas. (Nota do ***IHU On-Line***)

[13] Tristan Bernard (1866 – 1947), humorista francês. (Nota do ***IHU On-Line***)

criação, concebida não somente como o ato de Deus "no momento" do big bang, mas também como uma ação continuada em favor das criaturas, uma relação estabelecida entre o Criador e cada uma de suas criaturas. Certamente, não é fácil encontrar, no seio da tradição religiosa, um lugar para a contingência ou para o acaso. Esta mesma tradição, entretanto, não integrou, depois de muito tempo, a idéia da eleição, ou em outras palavras, deu lugar para uma parte de indeterminação na obra da redenção, em nome da liberdade de Deus e dos homens? Por que não deixar uma mesma parte de indeterminação na obra da criação? Nós jamais devemos esquecer que nosso saber continua limitado: é preciso, um dia ou outro, passar sob o crivo da fé, em Deus ou no homem, sem todas as garantias e sem as provas que gostaríamos de obter. Mas, sem isso, seríamos verdadeiramente humanos?

***IHU On-Line* – Como despertou seu interesse pela figura singular de Teilhard de Chardin?**
Jacques Arnould - Meu interesse por Teilhard foi uma conseqüência de meu engajamento intelectual e humano no terreno das relações entre ciência e fé. E não o inverso. Faz vários anos, uma revista de história me pediu um artigo sobre ele e, de início, eu recusei: tantas pessoas o conheciam muito melhor que eu; o redator-chefe dessa revista me obrigou a escrever este artigo, dizendo-me que ele não esperava conhecimentos, mas uma espécie de encontro entre a experiência singular de Teilhard e a minha. É um pouco a mesma perspectiva que foi a do retrato que acabo de publicar. No mesmo, eu escrevi como este trabalho de descoberta e de redação foi um momento maravilhoso. Eu não compartilho de todas as opiniões do jesuíta, mas eu tive, realmente, a impressão de descobrir um primogênito, um grande irmão que tinha explorado as mesmas áreas que eu. Um sagrado encorajamento para prosseguir meu trabalho, meus encontros, minhas pesquisas.

***IHU On-Line* – Como o senhor vê o diálogo entre ciência e fé na atualidade?**
Jacques Arnould - Parece-me que nós estamos num período extremamente interessante para o diálogo entre ciência e fé. Eu sei o quanto as situações podem ser bastante diferentes entre os diversos países e culturas, mas, grosso modo, o espírito que sopra é o de uma abertura e de um interesse recíprocos. Talvez porque devamos todos reconhecer que ninguém entre nós, que nenhum magistério (religioso ou científico) possui a solução final, a resposta a todas as questões feitas hoje à humanidade. Concretamente, resta ainda muito trabalho. Sem dúvida, o domínio da física, ou ainda o da astronomia, conduzem facilmente à reflexão filosófica; eu confesso não ser um expert neste domínio. O das ciências da vida parece interessar menos, a não ser que ele dê medo aos filósofos e aos teólogos. É preciso, no entanto, que nós nos encontremos!

***IHU On-Line* - Como o senhor vê os esforços de certos autores para conseguir visões do mundo mais transdisciplinares?**
Jacques Arnould - Na França, houve uma época em que todo o mundo falava de transdisciplinaridade! Hoje conhecemos melhor o interesse e as dificuldades de concretização. Evidentemente, ela é absolutamente necessária, mas, ao mesmo tempo, muito exigente. É preciso impedir de perder-se num sincretismo frouxo ou no domínio de um setor, de uma ideologia sobre outras. Retornemos a Teilhard: ele é muito apreciado por correntes não-cristãs, e eu me alegro com isso! Mas, atenção, para não esquecer que ele é antes de tudo um cristão. Seu discurso, de tonalidades panteístas, no fundo absolutamente não o é; ele é demasiado cristologicamente centrado para isso. Encontrar o outro, não é perder-se nele, mas, ao contrário, encontrar ou reencontrar sua própria identidade.

***IHU On-Line* - Há algum outro aspecto que não abordamos e que julga importante expor em relação à vida e ao pensamento de Teilhard de Chardin?**
Jacques Arnould - Em Teilhard, é muito difícil separar a vida do pensamento (entendo o pensamento religioso e filosófico). O que me toca sempre é a humanidade de Teilhard. Ele ama os homens e as mulheres que ele encontra; e não esqueçamos que ele viajou pelo mundo todo! Ele teve amigos em toda a parte: entre os jesuítas, no mundo científico, entre os artistas, os militares, etc. Não é a primeiríssima forma de habitar a Terra a de procurar ver em cada um, um amigo possível? E depois, eu não esqueço esta bela frase que ele escreveu em 1917, ou seja, durante a Primeira Guerra Mundial: "O Futuro nos chega à medida de nossa fé..." O que se tornaria, com efeito, a nossa Terra e nossa humanidade, se nós perdêssemos a fé?

(Voltar ao índice)

UMA LEITURA PÓS-MODERNA DO COSMOS
Entrevista com Geraldo de Mori

A visão de mundo de Teilhard de Chardin não é uma cosmovisão, nem uma antropovisão ou uma teovisão, mas é tudo isso ao mesmo tempo. "Aí está a riqueza e o interesse deste esforço gigantesco de síntese. De fato, a maioria das sínteses elaboradas ao longo da história, nem sempre conseguiram articular a diversidade dos métodos e saberes próprios a essas diferentes abordagens do real", salienta o pesquisador Geraldo de Mori, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Durante o ***Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade****, o professor de Mori ministrará, no dia* 18 de maio, das 14h30 às 16h30, *o minicurso Teilhard de Chardin: uma leitura pós-moderna do cosmos?. Ele é bacharel em Filosofia e em Teologia pelas Faculdades de Filosofia e Teologia, respectivamente, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, Minas Gerais, e mestre e doutor em Teologia, pela Faculdade de Teologia do Centre Sèvres, de Paris. Atualmente, é professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. De Mori concedeu uma entrevista ao* ***IHU On-Line*** *na edição 103, de 31 de maio de 2004, intitulada "Literatura como lugar da teologia". A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.*

***IHU On-Line* - Como Teilhard soube relacionar o mundo da ciência e o cristianismo? Em que sua vida e sua obra podem iluminar as universidades e seu papel na contemporaneidade?**
Geraldo de Mori - Teilhard viveu num período marcado por uma profunda crise entre cristianismo e modernidade. O século XIX e o começo do século XX viram, efetivamente, surgir críticas radicais à religião (Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud) e teorias que punham em questão a visão do mundo até então aceita (Lamarck, Darwin). O magistério católico percebeu, nessas críticas e teorias, uma "ameaça" para a fé, condenando o que lhe parecia errôneo (*Sylabus, Dei Filius*) e impedindo os teólogos de assumirem as novas descobertas e teorias das ciências (crise modernista). Teilhard nasceu em 1881, no seio de uma família católica, que soube, no entanto, incutir-lhe o "amor do céu" e o interesse pela terra. Esta síntese entre fé e razão acompanhou-o nos anos de sua formação jesuíta, em que, além da filosofia e da teologia, estudou física e química. Após sua ordenação presbiteral, interessou-se pela geologia e formou-se em paleontologia. Aderiu, então, à teoria da evolução, estabelecendo um diálogo fecundo entre ciência e religião. Buscou, ao mesmo tempo, uma síntese entre os diversos saberes que explicam o real, abrindo também um caminho de reconciliação entre cristianismo e

modernidade. Sua vida e sua obra podem instruir-nos ainda hoje. O diálogo que ele estabelece entre os vários domínios do conhecimento é capital para as ciências em geral e para o saber universitário em particular. Não só entre ciência e fé, que desde o começo dos tempos modernos não cessam de se separar, mas também entre as diversas áreas da mesma ciência. Hoje o saber científico tem se especializado de tal modo que sua fragmentação põe em risco sua própria existência. Outro traço de Teilhard é a busca de uma síntese na qual os diversos saberes se reconheçam, descobrindo interfaces a partir das quais o real se dá a conhecer. Isso também pode iluminar o pensamento produzido hoje, fazendo com que o mesmo encontre sua razão de ser e torne o mundo e a história mais habitáveis.

***IHU On-Line* - Como Teilhard concebe a retomada da Evolução?**
Geraldo de Mori - Ele pensa a evolução como um processo que parte do mais simples ao mais complexo, processo que possui três (ou quatro) grandes momentos: o da *cosmogênese* (ou surgimento do universo e, no universo, da formação da Terra), o da *biogênese* (irrupção da vida, da mais elementar à mais complexa), o da *noogênese* (aparição da consciência e da autoconsciência reflexiva) e o da *cristogênese* (Ponto Ômega para onde converge a humanidade, cuja última razão de ser é o Cristo). Como vemos, trata-se de uma grande síntese, em que entram os resultados das pesquisas científicas sobre o universo, a vida em geral e a vida humana em particular, como também reflexões de tipo filosófico e teológico. O jesuíta francês não se restringe, portanto, a pensar a evolução somente na esfera do mundo da vida, como o fez Darwin, mas relacionou-a com o cosmos e Deus.

***IHU On-Line* – Como caracterizaria a cosmovisão que marcava o pensamento teilhardiano?**
Geraldo de Mori - Trata-se de uma cosmovisão difícil de ser classificada. Ela é marcada pelo princípio antrópico, próprio das ciências e da filosofia moderna, e tão criticado pelo pensamento ecológico de nossos dias. Ela é marcada também pelo otimismo face ao mundo criado pelos saberes elaborados na modernidade que, segundo Teillard, estariam levando a humanidade à reconciliação entrevista no Ponto Ômega. A esses elementos acrescenta-se a preocupação em pensar o real não de um princípio filosófico-metafísico, mas como o resultado da conjugação de saberes: os oferecidos pelas ciências, o que oferece a unificação do sentido (Filosofia), o que identifica o sentido com Deus (Teologia). Não estamos, portanto, diante de uma cosmovisão, nem de uma antropovisão ou de uma teovisão, mas de tudo isso ao mesmo tempo. Aí está a riqueza e o interesse deste esforço gigantesco de síntese. De fato, a maioria das sínteses elaboradas ao longo da história, nem sempre conseguiram articular a diversidade dos métodos e saberes próprios a essas diferentes abordagens do real.

***IHU On-Line* - Qual é a principal contribuição do cientista para a antropologia teológica?**
Geraldo de Mori - Acredito que a maior contribuição de Teilhard para a antropologia teológica tem a ver com a teologia da criação. Ao desmistificar a cosmovisão estática herdada da tradição, ele deu à Teologia uma compreensão dinâmica do universo, não feito desde sempre, mas em contínua evolução. Isso abriu a possibilidade de se pensar o humano como aberto ao futuro, co-construtor do mundo, de si mesmo e da história, em contínuo processo de engendramento. Ao assumir a teoria da evolução, o jesuíta francês abriu também perspectivas para o diálogo entre a visão cristã do humano e as ciências, mostrando que estas podem enriquecer aquela e vice-versa. Uma compreensão mais completa e rica do humano pode, assim, emergir, abrindo espaço para um agir menos fechado e compartimentado, que una esforços para que se possa realmente fazer nascer o futuro reconciliado.

***IHU On-Line* - Algum outro aspecto que não foi perguntado e considere importante acrescentar?**

Geraldo de Mori - Teilhard era verdadeiramente homem de ciência e homem profundamente religioso, esses dois aspectos que, durante tantos séculos, andaram juntos na civilização ocidental, mas que, desde a emergência da ciência moderna, começaram a se contrapor, como se um nada tivesse a dizer ao outro. Ele mostrou que é possível reconciliar em si ciência e fé, e que essa reconciliação pode ajudar a pensar e a construir um futuro melhor para a humanidade. Hoje, por outras vias e com outros paradigmas, buscam-se, também, caminhos para uma vida que conjugue os diferentes aspectos com base nos quais ela se entende. Não valeria a pena beber outra vez no poço de nossa tradição, redescobrindo-a e tornando-a, de novo, significante e pertinente para um pensar e agir mais unitário?

(Voltar ao índice)

UMA COSMOVISÃO ORIGINAL: TEILHARD, A ENGENHARIA E AS MATEMÁTICAS

Entrevista com Pedro M. Guimarães Ferreira

Pedro M. Guimarães Ferreira é jesuíta, professor titular do Departamento de Engenharia Elétrica e presidente da Mantenedora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Fundação Pe. Leonel Franca. É graduado e mestre em Engenharia Elétrica, pela PUC-Rio, doutor em Engenharia de Sistemas e Computação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com tese intitulada. O problema do servomecanismo e o método do espaço de estado no domínio da freqüência. É pós-doutor pela Brown University, B.U., Estados Unidos. Durante o Simpósio ***Terra Habitável: um desafio para a humanidade,*** *o professor Guimarães Ferreira ministrará o curso Obra de Teilhard de Chardin, nos dias 17/5, das 16h45 às 17h45, 18/5, das 16h45 às 19h, e 19/5, das 16h45 às 18h15, na sala 5C005. A entrevista a seguir foi concedida por Guimarães Ferreira ao* ***IHU On-Line****, por e-mail.*

***IHU On-Line* - Como as áreas de engenharia e matemática se relacionam com o pensamento de Teilhard de Chardin?**

Pedro Guimarães Ferreira - Teilhard foi jesuíta e também um grande cientista, tendo se especializado em Geologia e Paleontologia, mas também em Antropologia.

Ele se tornou, porém, famoso no mundo e na Igreja, para o grande público, não tanto pelo seu trabalho técnico nas disciplinas acima mencionadas, mas pelos seus escritos e conferências sobre sua cosmovisão extremamente original. Esta, fortemente apoiada na Teoria da Evolução, se valeu das ciências do seu tempo, não somente daquelas nas quais era especialista, mas também da biologia, da física e da química. No seu pensamento, tem lugar especial a importância por ele atribuída ao progresso tecnológico. Ele achava que a revolução industrial foi um ponto de inflexão na evolução da humanidade. Sem ser engenheiro, ele via a importância do desenvolvimento da tecnologia no progresso daquilo que se chama "noosfera", que, na evolução, sucedeu à "geosfera" e à "biosfera". Não tão óbvio o relacionamento de Teilhard com a matemática, aliás parece que ele não era dotado para esta disciplina. Estava bem a par da física do seu tempo, mas seu conhecimento sobre ela não parece ter chegado ao técnico, que já exigiria desenvoltura na matemática.

***IHU On-Line*- Qual foi o principal legado do pensamento teilhardiano para a sociedade contemporânea?**

Pedro Guimarães Ferreira - Sua cosmovisão teve uma grande influência na Igreja e, conseqüentemente, na sociedade. Em primeiro lugar (mas não em ordem de importância), ele "batizou" a Teoria da Evolução, que era vista pela Igreja como algo inconciliável, ou dificilmente conciliável, com as verdades de fé, relativas à criação e ao pecado original. (Até hoje, várias denominações cristãs, ditas fundamentalistas, não aceitam a Teoria da Evolução). Graças, em grande parte, a Teilhard, a Teoria da Evolução passou a ser aceita na Igreja. A segunda contribuição é a que será explicada no número 5 abaixo desta entrevista. Um terceiro legado de Teilhard foi a sua visão otimista com relação ao mundo, ao progresso, à matéria. Tal otimismo teve forte influência na Igreja, até mesmo em documentos oficiais, como a "Constituição sobre a Igreja e o mundo moderno" do Concílio Vaticano II. Conseqüência também deste apreço pela matéria, sem confundir isso com o materialismo, foi o maior empenho dos cristãos nas tarefas desta vida. É claro que estas mudanças não foram devidas só a Teilhard, mas ele teve papel fundamental.

***IHU On-Line* - Como acontece a compreensão transdisciplinar do mundo no pensamento de Teilhard de Chardin? Em que sentido, poderiam a universidade e o saber científico inspirar-se nesse pensamento para que ele seja menos fragmentado?**
Pedro Guimarães Ferreira - A cosmovisão de Teilhard é muito unificada, ele vê a evolução do universo sob uma perspectiva grandiosa e, como conseqüência, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade encontram, no seu pensamento, um lugar natural. As partes se articulam harmoniosamente com o todo. Seu pensamento é muito "holístico", ele afirma claramente que o todo é "mais" do que as partes, no sentido que a compreensão destas não é suficiente para entender aquele. Aliás, embora Teilhard procure sempre ser claro, o mais compreensível possível, a novidade de sua cosmovisão o obrigou a criar neologismos, que são de grande valia para uma linguagem transdisciplinar. Portanto, pode-se dizer que Teilhard foi um dos pioneiros de um pensamento transdisciplinar. Aliás, existe um ótimo opúsculo do saudoso Pe. Henrique Vaz[14] sobre Teilhard que fala justamente no título (não me lembro agora exatamente do mesmo) em "esforço de visão unificada", esforço de visão transdisciplinar, diríamos hoje, no pensamento de Teilhard de Chardin.

***IHU On-Line* - As teses de Teilhard ajudariam a pensar em uma terra habitável como desafio para a humanidade?**
Pedro Guimarães Ferreira - Teilhard previu as dificuldades em termos de habitabilidade da nossa Terra, bastava considerar o aumento populacional. Não previu, porém, a aceleração da degradação da natureza pelo próprio homem. Ele era um otimista. Mas seu pensamento pode ajudar, e muito, para que se crie uma mudança de mentalidade, no sentido do respeito à natureza. Ele próprio tinha um enorme respeito e mesmo " culto" à natureza, a este universo, a este mundo, que é nosso, cuja história, desde seus primórdios, ele procurou conhecer em seus estudos especializados de geologia e paleontologia. Tomemos qualquer texto de Teilhard e encontraremos nele a verdadeira veneração que tinha pela natureza, pela matéria, na qual reconhecia um "interior" (que seria seu componente espiritual) e, por isso mesmo, tanto mais "venerável" e respeitável.

---

[14] O entrevistado refere-se à obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz, ***Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin***. Petrópolis:Vozes, 1967. No próximo dia 23 de maio, transcorre o terceiro ano do seu falecimento. O ***IHU On-Line*** número 19, de 27 de maio de 2002, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz. A referida edição teve como título *Sábio, humanista e cristão*. (Nota do ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - Como se conjugam na busca intelectual do autor, e no seu legado, as reações entre ciência e fé?**

Pedro Guimarães Ferreira - A cosmovisão de Teilhard, que surge com a ciência, encontrou na sua fé, criado em família profundamente católica, padre e jesuíta, um prolongamento natural, sem forçar as coisas, sem concordismos. Creio que ele, mais que qualquer outro pensador católico ou mesmo cristão, do século passado, contribuiu de forma insigne para o diálogo entre ciência e fé. Para Teilhard, a evolução do universo culminará no que ele chama "Ponto Ômega", postulado cientificamente para explicar a própria evolução, isto é, dando-lhe seu sentido, que é o da formação de seres sempre mais complexos e "centrados". Mas como os seres são tanto menos estáveis quanto mais complexos, para que o processo todo tenha estabilidade, e não tombe de volta ao múltiplo, o ponto de entropia máxima (máxima desordem), é necessário que o Ponto Ômega seja transcendente ao próprio universo. Este Ponto Ômega, conclui Teilhard, é então Jesus Cristo, porque Ele é Deus e homem. Ou seja, em virtude de ter se encarnado, Jesus Cristo é parte do universo e, sendo Deus, é transcendente ao mesmo universo, garantindo a estabilidade deste processo evolutivo que vai na "contracorrenteza" entrópica.

(Voltar ao índice)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

LEITE, SERAFIM. *A HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL*. SÃO PAULO: LOYOLA, 2005. 2.212 PAGINAS EM 4 VOLUMES. CD-ROM COM MAPAS, DESENHOS, CARTAS E PLANTAS DA 1ª EDIÇÃO. COORDENADOR DO PROJETO: PADRE CESAR AUGUSTO DOS SANTOS.

ÉPICOS E HERÓICOS JESUÍTAS

Por Marco Morel

*Para comentar a segunda edição da obra que destacamos na edição desta semana, reproduzimos o artigo de Marco Morel, publicado no jornal **O Globo**, em 26 de março de 2005. Marco Morel é professor de História da Uerj e autor de **Frei Caneca: entre Marília e a Pátria** (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000).*

Uma das iniciativas editoriais brasileiras mais abrangentes e marcantes recebe segunda edição meio século depois de publicada: ***História da Companhia de Jesus no Brasil***, do padre Serafim Leite. Livro que levou 18 anos em elaboração e 12 para ser lançado (1938-1950), atingindo 5.136 páginas em dez volumes, transformados agora em quatro de grande formato, sob patrocínio da Petrobras. O texto integral foi mantido, a ortografia atualizada e novas ilustrações acrescidas às originais, com tratamento digitalizado, além da reprodução de manuscritos. A obra inclui o período de 210 anos de presença da Ordem no Brasil, desde a chegada de Manuel da Nóbrega em 1549 à expulsão avassaladora dos jesuítas em 1759 pelo governo do marquês de Pombal.

Tal livro pode ser tranqüilamente listado entre os grandes clássicos que permitem um conhecimento mais aprofundado deste enigma histórico chamado Brasil, não tanto por sua força interpretativa, mas pela dimensão monumental. Aí reside sua grandeza e também seu

paradoxo: ser um monumento (escrito) dos jesuítas, erudito, rigoroso e bem esculpido. É uma história oficial da Companhia de Jesus que, entretanto, não envelheceu, continua incontornável e (por que não admitir?) fascinante.

O autor se propunha, já no prefácio do primeiro volume, a fazer uma "história antiga", mas baseado em "métodos modernos". Assim, realizou mescla interessante: herdeiro sóbrio dos arcaicos cronistas religiosos e apologéticos e, ao mesmo tempo, aberto para novas contribuições metodológicas, escreveu num contexto intelectual em que a historiografia dialogava intensamente com outras disciplinas, como arquitetura, etnografia, economia e literatura, só para citar as mais visíveis em sua obra. Foi, também, personagem bem acolhido no meio oficial luso-brasileiro do período.

Somam-se outras características que tornam este trabalho singular, como o acesso que o autor teve aos arquivos públicos e aos eclesiásticos, inclusive os mais restritos, como o do Vaticano, localizando, selecionando, transcrevendo, sistematizando, comentando, alinhavando e contextualizando documentos em sua maioria inéditos e que dificilmente estariam reunidos em outras circunstâncias, com tal envergadura. Seria, pois, injusto conceder-lhe apenas o mérito da compilação, ainda que entre aí fôlego amplo e pertinácia.

O padre português Serafim Leite, que faleceu em 1969, aos 79 anos, foi um historiador fecundo e honesto, realizando uma bem-sucedida e sólida obra que lhe consumiu os melhores anos e energias, na mais pura tradição inaciana. Sua honestidade fez com que não se esquivasse de temas espinhosos, como o da história material dos bens constituídos pelos jesuítas na ***Empresa do Brasil*** (título do primeiro tomo), as fazendas e os que nelas trabalhavam, seus métodos de catequese, suas formas de administrar o dinheiro e o poder, sua conivência com a escravidão dos africanos e os combates veementes pela liberdade dos índios, suas relações com as administrações militares e temporais e seu papel destacado na colonização — compreendida como elemento civilizador. A autenticidade da fé do autor fez com que narrasse os feitos épicos e, muitas vezes, heróicos de seus antepassados confrades, mas sem idealizar ou escamotear, quando percebeu o que considerava pecados de alguns.

Impossível escrever a História do Brasil sem conhecer a ação dos jesuítas aqui

Um historiador impregnado de materialismo, como Capistrano de Abreu, admitiu que seria impossível escrever a História do Brasil sem se redigir, antes, a história da Companhia de Jesus nestas terras. E não exagerava. Basta ver a quantidade de cidades, bairros, estradas, fazendas e templos de hoje que, inicialmente, surgiram da ação jesuítica. Seria mesmo empobrecedor passar ao largo das iniciativas destes missionários, pedra fundamental da edificação da sociedade que se tornou a brasileira.

É impressionante o manancial de fontes para a história das populações indígenas contidas no texto, bem como dos primórdios da pedagogia, das ciências e do teatro no Brasil. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, faz-se um levantamento detalhado das obras materiais e espirituais da Companhia de Jesus. As famosas Missões dos Guaranis não constam do livro, pois não pertenciam à divisão eclesiástica da Província jesuítica brasileira, embora seja largamente citada a repercussão de suas atividades e de seu extermínio pelas forças portuguesas e espanholas.

Sob a ambígua égide de que somente um jesuíta poderia escrever a história da Companhia de Jesus, o livro traz ainda contribuição relevante para a história cultural e para a historiografia, com levantamentos biobibliográficos dos autores jesuítas que escreveram no e sobre o Brasil nos séculos XVI a XVIII. Ganha vulto a presença do padre Antonio Vieira e, para incômodo de alguns jesuítas atuais, a figura do padre José de Anchieta não é muito incensada. Questiúnculas, como se diria então, que não afetam a dimensão do livro.

A reedição é oportuna, pois os raros exemplares da primeira edição, quando aparecem no mercado livreiro, valem peso de ouro. Ainda que seu preço de venda não seja dos mais acessíveis, o lançamento estará disponível para bibliotecas públicas, escolas e universidades, facilitando, assim, o acesso de pesquisadores e outros interessados que tenham sede em conhecer melhor as entranhas pretéritas do Brasil.

(Voltar ao índice)

Entrevistas da semana

A CRISE COMO ESTADO NATURAL

Entrevista com Thomas Luckmann

Discípulo dileto do sociólogo vienense Alfred Schutz[15]*, Luckmann continuou sua obra e dele herdou seu interesse pelo estudo da vida cotidiana e do sentido comum, dois pilares básicos de sua teoria, que ele elaborou nos anos 1950, com Peter Berger e que ambos publicaram nos anos 1960 sob o título* ***A construção social da realidade***[16]***,*** *desde então uma obra clássica da sociologia contemporânea. Nesta obra, ele defende – com a fenomenologia como fundamento de suas indagações – que a realidade humana é construída socialmente e que corresponde à sociologia do conhecimento estudar estes processos. Nascido na Eslovênia, em 1927, Luckmann é filósofo e sociólogo. Sua formação se repartiu entre Viena e Innsbruck, embora fosse em Nova York onde obteve sua licenciatura em Filosofia e seu doutorado em Sociologia. Desenvolveu uma importante carreira acadêmica, em universidades como as de Genebra, Nova York, Frankfurt, Constança e Harvard, entre outras. A mais clássica de suas obras,* ***A construção social da realidade,*** *em co-autoria com Peter Berger, acaba de ser reeditada na Argentina por Amorrortu, junto com outro clássico:* ***As estruturas do mundo da vida****, um compêndio crítico da obra de seu mestre Alfred Schutz, morto em 1959, antes de publicar a obra. Aos 78 anos, Thomas Luckmann visitou a Argentina, onde recentemente a Universidade de Buenos Aires o distinguiu com o título de Doutor Honoris Causa. Durante sua estadia em Buenos Aires, o sociólogo também dissertou sobre Condições estruturais na construção da identidade pessoal, num colóquio internacional que – sob os auspícios da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA), a universidade alemã de Constança e o Instituto Goethe – o teve como convidado especial, junto com o antropólogo Nestor García Canclini. Em entrevista ao jornal* ***Clarín****, de 23 de abril de 2005, sinalizou que, atualmente, não se sente influenciado por nenhum sociólogo e explicou por que as instituições se encontram num estado de crise permanente. Confira a reprodução, na íntegra, traduzida pelo* ***IHU On-Line****:*

Por que considera que o sentido comum e a vida cotidiana são dois elementos fundamentais da sociologia?

Porque são, de fato, dois elementos fundamentais da realidade, da minha, da de George W. Bush, como da realidade da guerra do Iraque. Constituem tudo aquilo que fazemos e

[15] Alfred Schutz (1899-1959), filósofo e sociólogo, nasceu na Áustria e cursou Direito em Viena, mas mudou-se para os Estados Unidos, em 1939, onde se tornou um membro da Faculdade da Nova Escola para Pesquisa Social. Trabalhou com fenomenologia, metodologia da ciência social e a filosofia de Edmund Husserl, William James e outros. (Nota do ***IHU On-Line***).

[16] Obra traduzida para o português: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. ***A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento***. Petrópolis: Vozes, 1973.(Nota do ***IHU On-Line***)

pensamos. E esclareço que, por "vida cotidiana", não entendemos somente de rotina, senão também de guerra, de revolução, de violência.

Você afirma que a institucionalização é necessária para a implementação de uma ordem social. Como explica a crise das instituições do Ocidente desde a queda do Muro de Berlim?
Porque as instituições estão em crise permanente. Não existe nenhum período na história da humanidade no qual não tenham estado em crise. Podemos remontar à crise da República romana. Desde a Antigüidade romana, houve uma crise atrás da outra. Nem sequer a conhecida Pax Romana foi um período de paz. Também as instituições da Idade Média européia tiveram muitas crises, inclusive, a Igreja Católica no século XVIII, com a Ilustração, a Revolução Francesa, a Guerra dos Sete Anos; antes, a Revolução Industrial e, em seguida, a revolução do proletariado. O fato é que as instituições estão aí para regular a vida, e a vida leva-as à crise. Há crises mais radicais e outras mais relativas. A crise da Argentina, por exemplo, é bastante relativa. De fato, a instituição que mais tenta estabilizar a sociedade é a lei. E, sem embargo, é a instituição que constantemente mais se encontra em crise. Tanto o Direito Constitucional, como o Direito Civil estão em crise no capitalismo; e o Direito, no marco do comunismo, foi uma farsa.

No plano da vida cotidiana, instituições tradicionais, como a família, também estão em crise?
A família tradicional burguesa – que nasce no século XIX e deve ser diferenciada da família nos âmbitos rurais, com muitíssimos filhos – entra em crise no século XX, apenas constituída. Minha própria história familiar é um exemplo disso. Meu avô teve doze filhos, eu fui um de três filhos e tenho três filhas, que têm um filho cada uma. Quer dizer que, numa mesma linha familiar, houve mudanças radicais, apesar da continuidade.

Uma crise pode levar à caducidade de uma instituição, ou as crises são inerentes à instituição?
Depende. Inclusive a forma mais tradicional da família, no marco da Igreja Católica, sofreu grandes transformações. Tomemos o caso da Itália, para mencionar um exemplo da ortodoxia do catolicismo. Hoje a família na Itália, tipicamente muito tradicional, não está destruída. Não caducou, embora se registrem altas taxas de divórcio, e a taxa de natalidade seja cada vez menor. Sucede o mesmo na Alemanha e na Espanha. As causas fundamentais dessas transformações são estruturais e têm a ver com a economia, com o papel da mulher na família e com a secularização e certa perda de autoridade da Igreja durante o século XX: o núcleo de católicos que ainda hoje vive, segundo as normas sexuais ou morais da Igreja Católica é muito reduzido, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos.

Se as instituições são percebidas como realidades objetivas, então uma crise institucional tem um alcance enorme: supõe uma crise no modo como as pessoas têm de compreender o mundo...
Para muitos, sim. Há igualmente exceções. Há muitos virtuosos do relativismo, para os quais as crises institucionais não significam uma crise do pensamento. De fato, se nos movemos nos parâmetros cotidianos, a crise das instituições vai gerar uma crise cognoscitiva no indivíduo, porque qualquer pessoa necessita de certo grau de certeza ou segurança, no sentido de saber que amanhã não vai ser radicalmente distinto de hoje, ou que podemos confiar no próximo. E isso tem a ver com algo inato. Pois bem, se vamos a casos extremos, os campos de

concentração são um exemplo radical de algo que rompe com o cotidiano. Outro caso extremo foi a queda do Muro de Berlim.

O impacto dessa mudança é o tema do filme Goodbye, Lênin[17], de Wolfgang Becker.
Sim. Ainda hoje, na Alemanha Oriental, há certa nostalgia do que existiu, que na Alemanha se chama de Ostalgie (Osten significa "Leste"), nostalgia do Leste; até existe um termo para nomeá-la. Se pensarmos nesse modelo, as instituições políticas e a economia estavam em crise, e por isso caíram. Mas, se pensamos na vida cotidiana das pessoas, embora muitos não estivessem de acordo com o sistema ou não fossem de todo felizes, estavam, todavia, acostumados: as crises das instituições desorientam muito as pessoas. O sistema de saúde, por exemplo, estava em decadência. Quando cai a República Democrática Alemã (RDA), a República Federal (Alemanha Ocidental) estava presente para adotá-la e cobrir o sistema de saúde. Contudo, já não existe tanta certeza com respeito ao trabalho, ao aspecto laboral. Pois bem, se tomamos o exemplo da URSS, não há quem se encarregue; hoje a Rússia não tem nenhuma República Federal Alemã que vá resgatá-la. E as pessoas sofrem na própria carne esta decadência. São exemplos de como as crises das instituições se relacionam com o sentido comum e a vida cotidiana. Nos EUA, a igualdade de direitos de homossexuais e lésbicas é uma discussão que põe em crise não só a instituição tradicional da família, como também o próprio direito: o direito à seguridade social, o direito constitucional, o direito de adoção, e inclusive o direito sucessório.

Como se legitima uma nova ordem social no contexto de uma crise institucional radical?
É muito complexo. Em princípio, é estranho que uma ordem social caia por completo, em todos os seus aspectos. Tomemos o exemplo do Império Romano, onde as instituições da economia e da política estavam fortalecidas e tinham uma importante posição na sociedade. Foi dito muito bem que, durante o Império Romano, as instituições, como o transporte, o correio, a pequena indústria, embora funcionassem, estavam em crise. Quando cai o Império, sobretudo depois de Teodósio ou Constantino, caem as instituições da economia e as da política, porém uma sobrevive e se fortalece, muitas vezes à força de violência: a Igreja. E, ao redor dela, se gera uma nova ordem social, que é a Idade Média feudal, também carregada de crises. Outro exemplo é o caso dos EUA: que se tornam independentes como as treze colônias, e estamos hoje frente a uma república parlamentar. Não há fórmulas pré-estabelecidas sobre como se legitima uma nova ordem social. A legitimação se pode obter pela força ou pelo consenso, como ocorreu na Índia com Gandhi.

Passaram quarenta anos da publicação de A construção social da realidade. Reconhece as mesmas influências?
Sim. A primeira edição é de 1966, embora o tenhamos escrito em 1956. Em princípio, nem eu, nem Peter Berger, diríamos que, conceitualmente, algo tenha mudado a respeito do livro. Estivemos influenciados claramente por Alfred Schutz, Edmund Husserl[18], a antropologia de

[17] Filme lançado na Alemanha, em 2003, classificado como comédia, drama e romance. (Nota do ***IHU On-Line***)
[18] Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), filósofo, nascido em uma família judia, na República Checa. É conhecido como o "pai" da fenomenologia. Foi aluno de Franz Brentano e Carl Stumpf. Entre outros, influenciou Edith Stein (Santa Teresa Benedicta da Cruz), Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Em 1887, converteu-se ao cristianismo e passou a fazer parte da igreja luterana. Ensinou Filosofia em Halle, em Göttingen e em Freiburg, até que se aposentou, em 1928. Depois disso, usou a biblioteca de Freiburg para continuar suas pesquisas e escrever até sua morte. (Nota do ***IHU On-Line***).

Karl Marx[19], Emile Durkheim[20], mas, sobretudo, por Max Weber[21], porque nós não somos nem marxistas, nem durkheimianos. Ademais, nos influenciamos pela filosofia antropológica de Helmuth Plessner[22], que é de uma geração bastante anterior à minha.

Muitas vezes, seu enfoque foi assinalado como uma aproximação à sociologia do conhecimento com base na fenomenologia (a consideração do mundo como fenômeno, como algo que aparece à consciência).
Diria antes que a fenomenologia é a base da sociologia do conhecimento. Isso se relaciona diretamente com meu trabalho Filosofia, ciência e vida cotidiana, um artigo que é quase tão antigo como o livro, no qual sustento que a fenomenologia é uma das bases da sociologia, porém não é uma ciência em si mesma, não é uma ciência empírica. O livro, em si, não é uma teoria do conhecimento, senão uma teoria da realidade social.

Que novas influências sofreu através dos anos?
De nenhum sociólogo. Nestes anos, me vi muito mais influenciado pela história e pela biologia, sobretudo pela primatologia e pela humanologia. Justamente por Plessner: ele era originariamente biólogo.

Em *A ordem social das sociedades modernas* sustenta que existe uma fonte universal de moralidade na condição humana. Qual é essa fonte?
Mais do que de fontes, falaria de condições para a moral: certa estrutura de consciência vinculada à memória; a capacidade de valorar, de diferenciar, o que Schutz chamou de "reciprocidade das perspectivas": a capacidade de se pôr no lugar do outro e de entender sua dor, e a simpatia ou empatia, que para muitos é a mais importante. Embora a moral seja uma construção histórico-social, estes fundamentos são inerentes ao homem.

Pode uma sociedade sobreviver – contra o que disse Durkheim – sem a força integradora de um código moral?
Sim, de fato há muitos exemplos empíricos que apóiam isso. Durkheim sustentava que existia uma única moral, e é contra isso que me rebelo. Se pensarmos na Alemanha, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, talvez na Argentina – não o sei – estas nações têm um sistema de leis que regula de forma negativa o comportamento da sociedade, mas que, sem embargo, funciona. Embora seja minimamente, estas sociedades modernas têm um sistema econômico e

---

[19] Karl Heinrich Marx (1818 – 1883), filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX (Nota do ***IHU On-Line***).

[20] David Émile Durkheim (1858-1917), conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado ***L'Année Sociologique***. (Nota do ***IHU On-Line***)

[21] Max Weber (1864-1920), sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. ***Ética protestante e o espírito do capitalismo*** é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título "Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo".Cem anos depois", o boletim ***IHU On-Line*** dedicou-lhe a sua 101ª edição,de 17-05-2004 (Nota do ***IHU On-Line***)

[22] Helmuth Plessner (1892-1985): filósofo e sociólogo alemão, um dos fundadores da antropologia filosófica. (Nota do ***IHU On-Line***)

um sistema político que funcionam. Por isso creio que não é necessária uma moral única e específica para a regulação da sociedade.

Por isso prefere falar de "moralidades", no plural, nas sociedades modernas?
Falo de "moralidades", porque não creio que exista uma única gramática da moral. Creio que cada sociedade constrói sua moral, porque cada uma cultiva seu próprio jardim, para dizê-lo de algum modo. Sim, estou seguro de que existe uma espécie de guarda-chuva da moral, uma moral geral, que é pluralista e relativista, e que carece de conteúdos. É, antes, uma moral da tolerância, que cai ou caduca frente a sistemas fundamentalistas ou intolerantes como o Islã.

"A ESQUERDA NÃO ESTÁ MAIS ISOLADA"
Entrevista com Ernesto Laclau

Recém-chegado da Inglaterra, onde vive há 30 anos, o filósofo e politólogo Ernesto Laclau analisa, na entrevista a seguir, as mudanças produzidas na realidade dos movimentos populares na Argentina e na América Latina durante os últimos anos. A matéria foi publicada no jornal Página 12, em 25 de abril de 2005. Segundo Laclau, "o kirchnerismo conta hoje com possibilidades de que o peronismo histórico nunca gozou. O sistema institucional é, provavelmente, mais sólido do que em qualquer outro momento da história Argentina dos últimos 40 ou 50 anos". Com cauteloso otimismo, o filósofo argentino se afasta daquela visão na qual, dois anos atrás, advertia uma distância irreconciliável entre a sociedade e o sistema político. É autor de, entre outros, ***Hegemonia y estratégia socialista****. Cidade do México: Fondo. 2004, importante referência do pensamento pós-marxista, e* ***Populist Reason****. (Razão populista) Londres: Verso. 2004. É autor, com outros intelectuais, do livro* ***Política e Ideologia na teoria marxista****. São Paulo: Paz e Terra, 1979.*

Depois da crise de 2001, você advertia uma desagregação tão radical das demandas sociais, que se tornava quase impossível o surgimento de um projeto político capaz de articulá-las. Qual é o cenário atual?
Naquele momento, corremos um grande risco. Estava sendo realizada uma expansão horizontal das demandas, em que o protesto se dirigia a muitos setores novos, mas não havia nenhum intento de articulá-las verticalmente no sistema político. Hoje a situação é distinta. Existe um intento para que o protesto social seja recebido pelas instituições do Estado, de modo que estas passem a ser mais sensíveis a respeito desse tipo de mobilização. Embora o processo seja muito complexo, e a situação muito de ser rosa, o certo é que há muito mais resposta às demandas democráticas dos movimentos sociais, do que as houve nos regimes políticos anteriores.

Alguns setores qualificam esta integração das demandas ao espaço institucional como um intento de cooptação do protesto social.
É preciso fazer alguns esclarecimentos. Por um lado, quando se propõe a incorporação de certos setores ao sistema existente sem que as demandas democráticas avancem em nenhuma direção, assistimos a uma má forma de cooptação. Também se pode gerar uma radicalização das demandas no vazio, ou seja, se chega a um tipo de guerra de posição, em que as reclamações, por serem tão generalizadas, não podem ter nenhum tipo de satisfação. Eu creio que entre estes dois perigos passa a verdadeira política, que tem que modificar a forma do Estado pela incorporação e satisfação real das demandas democráticas. Os

piqueteros[23] têm sido um movimento muito positivo na política Argentina, no sentido de que radicalizaram demandas que antes não se veiculavam para o sistema político. Evidentemente, há um certo "piqueteirismo" duro que joga com os setores mais reacionários, porque propõe uma política de enfrentamento, quando se trata de consolidá-la institucionalmente.

Em *La razón populista*, seu último livro, o senhor propõe que uma das condições para a consolidação dos movimentos populares é a incapacidade por parte do sistema institucional de absorver um conjunto de demandas sociais. O que sucede, quando, a partir das próprias instituições se busca assumir a representação do movimento, como é o caso dos governos populares?
Em todo o processo de representação sempre vai existir um duplo movimento. Por um lado, o dos representados para os representantes. E, pelo outro, o do representante ao representado. Nesse processo, a identidade do último é complementada e reconstruída por intermédio da representação. Tomemos o caso extremo de massas marginais, em que não está claro um interesse do setor. Ali a função do representante político é dotar de uma linguagem e uma capacidade de mobilização esses setores. Não é certo que a função do representante numa democracia tenha que ser passiva. O movimento de Chávez na Venezuela é profundamente democrático. Seu discurso do poder é o mesmo que começa a mobilizar as massas. Não só atua mobilizando-as. Esse discurso também ajuda a sua formulação e deliberação. De outra maneira, teríamos a situação anterior: massas completamente vazias e um poder que se reproduz sem nenhuma solução de continuidade.

Mas a representação não se sustenta apenas na identificação com o líder.
Tomando alguns conceitos da psicanálise, podemos afirmar que o laço social é um laço de amor pelo líder. Porém ao mesmo tempo esse líder tem que representar algo que compartilhem todos os outros membros da comunidade. Nenhum movimento sólido pode manter-se somente no amor pelo líder.

Esta questão o senhor a coloca como uma das causas do fracasso do peronismo em 1973.
Durante o exílio, Perón conseguiu centralizar atividades diferentes dos distintos setores de seu movimento. Isso, entretanto, não se baseava numa unidade estrutural. Não havia uma convergência de todos aqueles setores antagônicos unidos sob a bandeira do peronismo. Todos mantinham sua própria interpretação do discurso desse líder. Quando Perón chegou ao poder, esse papel universal, que havia adotado não o podia sustentar, porque era o Presidente da República e tinha que tomar decisões. É nesse momento que todas as contradições internas do movimento explodem e precipitam o fracasso. Em conclusão, todo movimento político requer a expansão de uma cadeia de demandas, mas tem que se construir sobre certa coerência entre esses distintos reclamos, porque, do contrário, pode ocorrer que, entre as demandas concretas, não haja relação alguma.

---

[23] ***IHU On-Line*** entrevistou Jorge Ceballos, advogado e coordenador Nacional do Movimento Piqueteros, Barrios de Pie (*Bairros de pé)*, na 57ª edição, de 28 de abril de 2003. Segundo o próprio Ceballos, o Movimento dos Piqueteros é definido como um produto e uma conseqüência do modelo neoliberal que, desde 1976, gerou índices altíssimos de desemprego. Os ex-empregados se organizaram e deram essa resposta. Os piquetes surgiram especialmente nas cidades que dependiam do petróleo. É um movimento com uma ampla participação de base que não tem um centro, uma fábrica, um sindicato, mas é uma forma de democracia mais direta. (Nota do ***IHU On-Line***).

Foi isso que ocorreu com o projeto de transversalidade de Kirchner?
Quando o projeto foi anunciado, ele me despertou certa simpatia, mas também tive minhas dúvidas. A razão é que, no país, as forças políticas fora do peronismo são tão débeis que uma transversalidade real não podia ser demasiado efetiva. Finalmente se voltou àquela velha situação em que o debate entre distintos setores do justicialismo decidirá o futuro do país.

Pode-se falar de um intento de parte do kirchnerismo no sentido de recuperar o discurso do peronismo histórico?
Há um intento de construir um discurso histórico em torno de certos significantes centrais que vêm dos anos 45, como "pátria" e "povo". Mas, o país mudou muito desde então. Eu creio que a situação de Kirchner como líder político é melhor do que aquela que teve Perón durante toda a sua carreira, porque Kirchner está se movendo em um sistema institucional muito mais estável do que aquele que conheceu o peronismo histórico. Em 1945, a sociedade havia sido desintegrada por 15 anos de dominação oligárquica. Não havia uma prática política democrática em nenhum sentido. O que se deu foi um intento popular de reconstruir um sistema alternativo, que se viu freado por uma oposição que não se podia dissolver, Quando novamente consegue chegar ao poder, em 1973, o movimento está tão fragmentado e dividido entre grupos rivais, que era muito difícil estabelecer um sistema institucional relativamente sólido. O kirchnerismo conta hoje com possibilidades das quais o peronismo histórico nunca gozou. O sistema institucional atual está provavelmente mais sólido que em qualquer outro momento da história Argentina dos últimos 40 ou 50 anos.

Por outro lado, se assiste a um deslocamento do discurso hegemônico dos anos 1990.
Estamos ante um governo no qual a ação do Estado é assumida como ator fundamental do processo econômico. As forças do mercado já não são aceitas como nos anos 1990. Durante os primeiros anos do governo de Alfonsin, o discurso da democracia era o discurso dominante. Ele se criara como horizonte a partir do qual se viam todos os problemas. Nos anos de Menem, pelo contrário, o que se julgava como prioridade era a estabilidade econômica. Hoje isso ficou para trás. Há uma percepção de que as mudanças econômicas devem ser obtidas na base de uma unidade sustentada pela maior parte da população, ou seja, há um intento de equilibrar as demandas sociais e o processo econômico.

Esta mudança se reflete no mundo, com a ascensão de partidos de esquerda em vários países da região.
A esquerda está reconhecendo que sua missão em um cenário classista tradicional é um beco sem saída. Se você observa o movimento de esquerda mais importante dos últimos anos, o Movimento Antiglobalização, pode notar um discurso completamente novo. Nos Fóruns de Porto Alegre se vê todo tipo de grupos discutindo problemas locais muito específicos. Ao mesmo tempo, há um intento de criar uma linguagem comum que os cruze. Creio que isso é o mais importante que se produziu na esquerda a partir da crise do marxismo. Por outro lado, certo equilíbrio político em vários países da América Latina está favorecendo a ascensão de setores de esquerda ao poder, de modo que já não estamos na situação de isolamento na qual a esquerda se encontrava há vinte anos. Isso me parece sumamente importante, já que não há futuro progressista sem avançar ao mundo multipolar. Um mundo com uma hegemonia americana que não é desafiada por ninguém não gera as condições necessárias para o progresso político. Eu creio que a possibilidade real de um equilíbrio mundial que favoreça as causas do progresso depende de que União Européia se consolide como bloco diferenciado frente aos Estados Unidos. Neste mapa, a ascensão da China como potência mundial também

é uma realidade com a qual se vai ter que contar cada vez mais. Na medida em que tudo isso vai ocorrendo, é óbvio que o Mercosul, como alternativa, tenha maiores possibilidades. O perigo está em que todas essas mudanças sejam colocadas em termos econômicos. Por exemplo, os últimos países que se incorporaram à União Européia o fizeram por razões estritamente econômicas. A idéia de criar uma identidade européia alternativa se dá somente em alguns deles.

Nesse contexto, se poderia augurar o fim daquela apatia política que o senhor criticou durante os últimos vinte anos?
Não me atreveria a tanto. A possibilidade de avançar neste cenário multipolar poderá se concretizar, na medida em que todos estes projetos não só avancem sob uma perspectiva meramente econômica, como também sejam entendidos como a construção de uma identidade política e cultural. Sim, podemos afirmar que estamos num período politicamente muito mais positivo e criativo do que na década de 1990.

(Voltar ao índice)

Memória

BANDUNG, CINQÜENTA ANOS DEPOIS

***IHU On-Line** dedica, na edição desta semana, a editoria* Memória *aos 50 anos da Conferência de Bandung, reproduzindo o artigo que segue, escrito por Bertrand Le Gendre e originalmente publicado no jornal **Le Monde**, em 14 de abril de 2005.*

O que resta, cinqüenta anos mais tarde, das certezas e esperanças da conferência de Bandung, que entrou na História como os estados gerais do terceiro mundo?
Foi aos 18 de abril de 1955 que se reuniam, numa estação climática da ilha de Java, na Indonésia, os representantes de 29 nações asiáticas e africanas independentes. Incrível para a época: nenhum participante era branco.
Estava lá o chinês Chou En-laï, o indiano Nehru, o egípcio Nasser, o indonésio Sukarno, o cambojano Sihanouk. Todos juntos representavam 1,5 bilhão de indivíduos. Alguns anos mais tarde, a maioria deles vivia ainda sob a tutela colonial, como viviam, em 1955, a África negra e o Maghreb.
Ato de nascimento do terceiro estado do planeta, esta primeira conferência afro-asiática é perscrutada com desconfiança por Washington, por Moscou e por Paris. A derrota da armada francesa em Dien Bien Phu, na Indochina, remonta há apenas alguns meses, e a guerra da Argélia começou. Em Bandung, está Hocine Aït Ahmed, um dos chefes da rebelião, que representa a Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN). A França, que ainda crê nas virtudes da colonização, absolutamente não aprecia isso. Ela esperará 1960 para se retirar da África negra e 1962 para renunciar definitivamente à Argélia. Anticolonialistas, em sua maioria, os intelectuais franceses saúdam a conferência de Bandung como a alvorada de uma nova era. Ingenuamente, eles vêem, no terceiro mundo, uma força irresistível, capaz de se opor ao "imperialismo" dos países ricos. Eles receberão o nome de "terceiro-mundistas". Eles têm os seus teóricos, por vezes radicais, do poeta e homem político Aimé Césaire ao médico e

revolucionário Frantz Fanon[24], dois antilhenses. Em seu Discurso sobre o colonialismo (1950), o primeiro sustenta que ninguém coloniza inocentemente, acrescentando que "o muito humanista, muito cristão burguês do século XX (...) traz nele um Hitler que se auto- ignora". Em 1961, Jean-Paul Sartre[25], cuja influência é ainda imensa, cederá a vez a Fanon, de quem ele prefacia Les damnés de la terre [Os condenados da terra]. Ele apresenta, nesta obra, a classe dos camponeses oprimidos do terceiro mundo como a "classe radical", aquela da qual virá a salvação. Que ela triunfe, escreve o pai do existencialismo, e "a revolução nacional será socialista". Esse terceiro-mundismo, estilo Sartre ou Fanon, já não tem mais campo. Com o passar do tempo, a descolonização, à qual aspiravam os participantes de Bandung, alimentou grandes esperanças, sem dúvida, mas também acolheu regimes pouco recomendáveis, relativizando os embalos desta época: a Guiné, de Sekou Touré[26], a Argélia, de Boumediène[27] e os bufões sanguinários ou grotescos, como Idi Amin Dada, em Uganda ou "o imperador" Bokassa, na África Central. De Charles de Gaulle a Jacques Chirac, a França raramente conseguiu explicar esse desvio das promessas de Bandung, excetuando-se o discurso de François Mitterrand por ocasião do ápice franco-africano de La Baule, em 1990. Cada um se satisfez com a sua situação: os potentados locais, deixados aos seus próprios pequenos negócios, e o ex-colonizador, preocupado por uma revanche inesperada sobre Bandung, em perpetuar sua influência na África. A estrela do terceiro-mundismo empalideceu, mas não está morta. Ela simplesmente mudou, como bem o demonstram vertentes humanitárias, como os french doctors, Médicos Sem Fronteiras[28] e outras, cuja ocorrência é concomitante das grandes tragédias da África pós-colonial, em Biafra e alhures. A vertente política se regenerou no altero-mundismo, uma conversão da qual Le Monde Diplomatique[29] é testemunha, terceiro-mundista

---

[24] Frantz Fanon (1925-1961) nasceu na ilha de Martinica, território francês, situado na América Central. Formou-se em Medicina, em 1951. Escreveu ***Os condenados da terra.*** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Nota do ***IHU On-Line)***

[25] Este ano, comemora-se o centenário de Jean Paul Sartre, em vista disso, ele será tema de capa do ***IHU On-Line*** em uma de suas próximas edições**.** (Nota do ***IHU On-Line***)

[26] Ahmed Sekou Touré (1922-1984), político guineano. Trabalhando como funcionário da administração colonial francesa em Níger, em 1940, se distinguiu como dirigente sindicalista. Em 1955, foi eleito prefeito de Conakry e, em 1956, deputado da Assembléia Nacional Francesa. Em 1958, quando Guiné se tornou independente da França, foi eleito presidente da nova república, a qual governou sob uma rígida ditadura até sua morte. (Nota do ***IHU On-Line***)

[27] Houari Boumediène (1932-1978), político argeliano cujo verdadeiro nome era Mohamed Boukharouba. Ele se filiou ao Partido do Povo Argeliano (PPA). Com a Independência da Argélia, ele se tornou vice-presidente do Conselho e ministro da Defesa do presidente Ahmed Bem Bella. Ele ocupava um cargo que lhe permitiria ser chefe de Estado. Ele se tornou, então, presidente do Conselho da Revolução e exerceu este poder até a sua morte. (Nota do ***IHU On-Line)***

[28] Médicos Sem Fronteiras (MSF) é uma ONG que se dedica a auxiliar vítimas em situação de emergência. Entretanto, muitas vezes, MSF permanece junto às populações atingidas mesmo depois de controlados os problemas que motivaram sua presença em determinada região. O trabalho continua na reconstrução de estruturas de saúde, nas atividades de prevenção, nas campanhas de vacinação ou na assistência a refugiados. Com o passar do tempo, MSF sentiu a necessidade de intervir com projetos de longo prazo, não apenas para atender as situações pós-emergenciais, como também para levar cuidados de saúde a pessoas afetadas pela exclusão social. O Comitê Nobel Norueguês decidiu conceder o prêmio Nobel da Paz de 1999 a Médicos Sem Fronteiras em reconhecimento ao trabalho humanitário pioneiro desta organização em vários continentes.(Nota do ***IHU On-Line***)

[29] ***Le Monde Diplomatique***, jornal francês, cujo diretor é o conhecido jornalista Ignácio Ramonet, entrevistado pelo ***IHU On-Line*** e outros veículos de comunicação após sua conferência sobre *Mídia e Globalização*, durante o III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, de 23 a 28 de janeiro de 2003. A entrevista foi publicada no ***IHU On-Line*** n.º 50, de 10 de março de 2003. (Nota do ***IHU On-Line***)

mensal ontem, matriz do movimento Attac[30] por ocasião de sua criação em 1998. Este olhar que lança a esquerda da esquerda sobre a globalização contrasta singularmente com o otimismo que prevalecia em Bandung. Em 1955, a trajetória é ainda longa para a Argélia, Angola e os negros da África do Sul no caminho da liberdade, embora os participantes tenham a convicção de que a emancipação do terceiro mundo é irreversível e que a prosperidade é para logo, desde que os ex-colonizadores saibam falar em uníssono. Seu comunicado final dá testemunho disso. Ele está voltado para o futuro, não para o passado. Ele não requer reparação pela pilhagem das colônias, e também não exige o "arrependimento" dos ex-colonizadores. Meio século mais tarde, os ex-colonizados evocam voluntariamente a "dívida imprescritível" das antigas metrópoles. A fórmula é do presidente argelino Bouteflika[31], que acrescentava, em 2000, que este crédito continuaria pesando sobre as relações Norte-Sul "tanto tempo quanto fosse preciso para ele ser exorcizado, isto é, lucidamente tomado em conta".

Deriva dos continentes

Se o Sul estagna, como o diz Abdelaziz Bouteflika, o Oriente, sim, decolou. O aniversário da conferência de Bandung incita a se perguntar por quê. Em 1955, fala-se do terceiro mundo nascendo como de uma entidade indistinta, um continente em si. Mesmo ardor emancipatório, mesmo nível de subdesenvolvimento. Diferentemente, a África subsaariana parece bem melhor situada. Ainda há trinta anos, em 1975, ela era duas vezes mais rica que a Ásia em termos de renda média per capita. No entanto, no final dos anos 1980, suas curvas de desenvolvimento vão se cruzar. A partir desse momento, a Ásia não cessará de progredir, enquanto a África negra continuará a soçobrar. Isso, em 1955, nem o indiano Nehru[32] nem o ivoriano Houphouêt-Boigny[33], que se prepara, então, para tomar as rédeas de seu país, o teriam imaginado. Os protestos de amizade de Bandung não resistiram a esta deriva dos continentes. A solidariedade afro-asiática se estilhaçou. Os países participantes tinham, no entanto, jurado "realizar a mais estreita cooperação econômica, cultural e política". Hoje, só o Japão, o único "rico" de Bandung, encaminha uma ajuda substancial à África. E, se a China se faz presente, é por causa das reservas de hidrocarbonetos que encobrem o continente negro. Sem dúvida, era uma utopia crer que esses dois continentes, um de tradição escritural, a Ásia, o outro de cultura oral, a África, pudessem comungar, num grande todo, o terceiro mundo e crescer no mesmo passo. Globalmente, percebemos o recuo, a colonização tinha agravado esse fosso, aproveitando-se antes da Ásia que da África. Herança do Império britânico, o uso do inglês é um trunfo para a Índia na hora da globalização, da qual ela é uma das grandes beneficiárias. O francês não tem a mesma função, na Argélia, por exemplo, sobretudo porque este país crê, por um tempo, poder andar em nome da "arabização". Incontestavelmente, a administração local estava mais bem preparada para substituir os brancos na Índia do que na África, onde os transportes estavam mais voltados para as necessidades dos autóctones. Basta olhar um mapa. A rede

---

[30] O **ATTAC** (Ação por uma Taxação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos) é um movimento internacional de cidadãs, cidadãos e entidades, que se propõe, entre outras coisas, a lutar pela implantação da Taxa Tobin. (Nota do ***IHU On-Line***).

[31] Abdelaziz Bouteflika – assumiu a Presidência da Argélia em 27 de abril de 1999. (Nota do ***IHU On-Line***)

[32] Jawaharlal Nehru, o fundador da Índia moderna, procedia de uma família nobre e brâmane da Caxemira. Nehru foi um dos principais representantes dos interesses do Terceiro Mundo: criou o conceito de países não-alinhados em relação aos dois blocos hegemônicos e foi figura-chave na união dos Estados neutros da África e da Ásia contra o colonialismo. (Nota do ***IHU On-Line***)

[33] Félix Houpbouët-Boigny, presidente fundador da Costa do Marfim, país africano, ex-colônia francesa, que obteve sua independência em 1960. (Nota do ***IHU On-Line***)

ferroviária iniciada pelos britânicos recobre o conjunto do subcontinente indiano. Na África, ao invés, as linhas ferroviárias partem dos lugares de extração de matérias-primas e se direcionam para os portos onde esperavam os navios com destino às metrópoles. Feliz Ásia! Pobre África, que dá razão ao julgamento feito, em 1955, sobre os estados gerais dos povos de cor por Boutros Boutros-Ghali[34]. O futuro secretário geral da ONU é, então, professor na Universidade do Cairo: "Se os Estados reunidos em Bandung aprenderam a se conhecer, não é menos real que a conferência tem sido, em última análise, uma feira de ilusões", pretendendo oferecer aos deserdados "a esperança de amanhãs melhores".

(Voltar ao índice)

Deu nos jornais

As notas aqui publicadas são uma síntese da atualização diária da página www.unisinos.br/ihu

Lula está fazendo tudo o que a gente quer, afirma presidente da Febraban

O empresariado presente dia 2 de maio ao aniversário dos cinco anos do ***Valor*** vê como provável a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O presidente do Bradesco e da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), Márcio Cypriano, resumiu numa frase o humor do sistema financeiro em relação à sucessão presidencial de 2006: "Lula está fazendo tudo que a gente quer". Cypriano diz não ver dificuldades na reeleição do presidente Lula. "Se a eleição fosse hoje ele já estaria reeleito". A notícia está publicada no jornal ***Valor***, 3-5-05. Para Cypriano, o governo está colocando o país no rumo do crescimento econômico com vistas à distribuição de renda. O presidente do Bradesco, maior banco privado do país, acredita que o governo tornou a relação do empresariado com Lula mais fluida do que em 2002. "Falta melhorar o ambiente para investimentos, mas acredito que isso também venha a acontecer". O presidente da Confederação Nacional das Instituições Financeiras, e integrante do Conselho de Administração do Unibanco, Gabriel Jorge Ferreira, também vê como provável a reeleição do presidente - "Aquela angústia com o PT mudou desde a Carta aos Brasileiros. Em agosto de 2002, ele já havia sido aplaudido de pé no auditório da Febraban."

Lula no 2º mandato fará a reforma trabalhista e tributária. Otimismo empresarial

O otimismo empresarial chega a ponto de se prever um segundo mandato presidencial de Lula aberto a atender a duas demandas da agenda do meio patronal: a redução da carga tributária e a reforma da legislação trabalhista. "Vamos ter uma mudança na sustentação do governo. Ele

[34] Boutros Boutros-Ghali, sexto secretário-geral das Nações Unidas, ocupou o cargo desde o dia 1º de janeiro de 1992 até o dia 31 de dezembro de 1996. Desde maio de 1991 até a data de sua nomeação pela Assembléia Geral, 3 de dezembro de 1991, Boutros-Ghali foi primeiro-ministro adjunto de Relações Exteriores do Egito, e anteriormente tinha ocupado o cargo de ministro das Relações Exteriores (de outubro de 1977 a 1991). Boutros-Ghali foi membro do Parlamento egípcio desde 1987 e participou da secretaria do Partido Nacional Democrático em 1980. Foi membro da Comissão de Direito Internacional de 1979 a 1991, assim como da Comissão Internacional de Juristas. É membro do Instituto de Direito Internacional, do Instituto Internacional de Direitos Humanos, da Sociedade Africana de Estudos Políticos e da Academia de Ciências Morais e Políticas (Academie Française, Paris). Boutros-Ghali obteve o título de doutor em Direito Internacional pela Universidade de Paris em 1949. Sua tese versou sobre o estudo das organizações regionais. De 1949 a 1997, Boutros-Ghali foi professor de Direito Internacional e de Relações Internacionais na Universidade do Cairo. De 1974 a 1977, foi membro do Comitê Central e do Birô Político da União Socialista Árabe. (Nota do ***IHU On-Line***)

estará apoiado em novas bases e poderá ser mais fácil", afirmou o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, segundo o jornal ***Valor***, 3-5-05. "Até mesmo por sua origem, ele terá condições de atuar nestes pontos a partir do próximo ano", prevê o controlador da CSN, Benjamin Steinbruch.

"Intuo que melhorará a liberdade no interior da Igreja", afirma jesuíta espanhol

"Intuo que, paradoxalmente, com Bento XVI melhorará a liberdade no interior da Igreja; que reaparecerá o Ratzinger do seu livro ***Introdução ao cristianismo***", afirma Pedro Miguel Lamet, jesuíta, autor do livro ***Juan Pablo II, hombre y Papa***, recém lançado. O jesuíta Pedro Miguel Lamet, viveu na própria carne a censura do regime ditatorial de Franco que literalmente arrancava páginas do semanário católico ***Vida Nueva*** do qual era diretor, mas também sofreu as intransigências do Vaticano quando foi destituído da direção da revista em 1987. Trabalhou então, como jornalista, em jornais não ligados à Igreja, mas seus superiores, pressionados por Roma, segundo o jornal ***El País***, 2-5-05, lhe colocam ante a disjuntiva de deixar de escrever ou abandonar a Companhia de Jesus. Opta por obedecer e se dedica a escrever novelas e poesias. Passou, pois, dez anos de silêncio informativo. Ele concedeu uma longa entrevista ao jornal ***El País***, 2-5-05. Eis uma síntese.

Arrupe, Ellacuria e Teilhard de Chardin

"O senhor fala no seu livro sobre João Paulo II da sedução Arrupe, o ***Papa negro*** basco, uma 'contrafigura' wojtyliana. "A Companhia seguiu adiante na arriscada renovação, quando o Vaticano já começava a retroceder", escreve no seu livro. Como estão as coisas agora", pergunta o jornalista. "A Companhia segue trabalhando em silêncio, e muitas vezes nas arriscadas fronteiras da descrença e da injustiça", responde Lamet. E continua: "O inverno é bom para os lavradores", me disse uma vez o atual geral da Companhia de Jesus, padre Kolvenbach. A herança de Arrupe não se perdeu. Mais: ela se potenciou em novos campos de solidariedade intercultural e interdisciplinar. Às vezes, isto implicou em incompreensões e até condenações. Mas eu me sinto orgulhoso de meu irmão e amigo Ignácio Ellacuria, ou do magistério espiritual de mediação entre Oriente e Ocidente realizado por um Anthony de Mello. E sobretudo me ilumina sempre, como escritor e crente, a síntese antropológica de Teilhard de Chardin, cujo 50º aniversário de morte celebramos neste ano". A Unisinos celebrará o 50º aniversário de Teilhard de Chardin com a realização do **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade** nos dias 16 a 19 de maio de 2005.

Não João, nem Paulo, nem João Paulo, nem sequer Pio, mas Bento

"Que impressão lhe produziu a eleição de Ratzinger?", pergunta o jornalista. "Num primeiro momento surpresa e, como não dizê-lo, uma certa angústia. Do poliédrico falecido Papa, teriam os cardeais escolhido o rosto mais adusto, seu braço direito mais contundente e inquisidor?". E continua: "Creio que a maioria votou na segurança, um teólogo de raça e numa certa maneira também um Papa na sombra, já que em grande parte isso foi Ratzinger, doutrinalmente falando, durante 24 anos". "Vejo, com muita esperança, os primeiros passos de Bento XVI. Primeiro, não tentou emular a seu predecessor. Desde o primeiro momento, parece querer ser ele mesmo. Foi muito sóbrio quando apareceu pela primeira vez na Praça São Pedro. Nem João, nem Paulo, nem João Paulo, nem sequer Pio, mas Bento, inspirado, ao mesmo tempo, em Bento de Núrsia e Bento XV, duas figuras espirituais unificadoras e européias. Por outro lado, vestido de branco, parecia ter mudado de chip. Suas primeiras intervenções como Papa revelam que não quer ser um Papa político nem líder mundial, mas teólogo e pastor, um Pastor de todos. A homilia do domingo, centrada nos símbolos petrinos, o pálio e o anel, é uma peça

excelente, muito patrística, inclusive literariamente muito cuidada; revela o grande teólogo que sempre foi. Seu talante parece modesto, nada protagonista, claramente sacerdotal com duas prioridades claras para o interior da Igreja: a reforma de suas estruturas (entre elas, creio, que a cúria e a liturgia) e a unidade dos cristãos". O jesuíta conclui a entrevista afirmando que "parece que Bento XVI quer recuperar para a Igreja a simplicidade não impositiva e evangélica do pescador. Agora mais do que nunca, a Igreja necessita de um Papa irmão, que se coloque no meio do povo, e um pastor misericordioso que alimente a esperança".

Iedi alerta para risco de recessão

A economia brasileira está na ante-sala da retração, por causa de uma série de equívocos que estão sendo cometidos pela equipe econômica, principalmente no câmbio. Ontem, coincidentemente, o dólar fechou em R$ 2,493, cotação mais baixa em três anos. A crítica, a mais contundente feita até agora por uma entidade empresarial, partiu do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), em documento publicado dia 4-5-05, pelo jornal ***O Estado de S. Paulo***. "Já está ocorrendo uma estagnação e, se nada for feito, entraremos num processo recessivo sério a médio prazo. Não sei dizer se será no mês que vêm ou no próximo ano, mas posso assegurar que este é o caminho já traçado", afirma Ivoncy Ioschpe, presidente do Iedi. Ele cita que a indústria não cresce já há seis meses, o emprego também parou de aumentar e as empresas engavetaram planos de investimento. Para evitar a retração, a entidade sugere uma mudança radical na política econômica que contemple três pontos principais: forte redução do custo do Estado, expressiva diminuição da taxa básica de juros e o retorno das intervenções do governo no mercado de câmbio. Para Ioschpe, política econômica é algo que se deveria fazer de uma maneira pragmática e não voluntariosa. "Ao elevar a taxa de juros continuamente para perseguir a meta que foi imposta, o BC pensa apenas em achatar a inflação, sem se preocupar se isso vai criar recessão ou que as empresas terão de fechar 15% ou 20% dos empregos no País." O pragmático, segundo ele, seria perseguir uma inflação realista para as necessidades do País. "Não podemos imaginar que somos uma Suíça e podemos ter inflação zero ou de 2%. Temos de fazer uma inflação que nos permita crescer continuamente."

A concentração da riqueza no Brasil

O IBGE acaba de divulgar uma análise do PIB dos municípios brasileiros. O trabalho - uma verdadeira "tomografia" da economia brasileira, segundo o jornal ***O Estado de S. Paulo***, 4-5-05 - foi realizado pela primeira vez e oferece preciosas informações. O documento mostra com destaque a grande concentração de riqueza que se verifica no Brasil. Em 2002, o último ano analisado, o maior PIB era o do município de São Paulo, com R$ 140 bilhões. O Rio de Janeiro ocupava o segundo lugar, com R$ 62,8 bilhões, 55,1% inferior ao da capital paulista, enquanto Brasília ficava com o terceiro lugar, com um PIB equivalente a 22,7% do de São Paulo. O importante é saber que apenas nove municípios, com 15,2% da população do País, respondem por 25% do PIB nacional. São eles, por ordem de importância: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Belo Horizonte, Duque de Caxias, Curitiba, Guarulhos e São José dos Campos.

A era moderna é religiosa, segundo Peter Berger

"Apesar da avassaladora evidência do contrário, muitas pessoas - especialmente teólogos - temem que vivamos em uma era secular. Nossa era, no entanto, longe de ser caracterizada pela secularização, testemunhou vastas erupções de fervor religioso. A era moderna é tão religiosa como qualquer período histórico anterior e, em alguns lugares, é ainda mais", afirma o

sociólogo Peter Berger, professor de Sociologia e de Teologia e diretor do Institute on Culture, Religion, and World Affairs na Universidade Boston no artigo "A era do pluralismo religioso", publicado no jornal ***Valor***, 3-5-05. Para o conhecido sociólogo, há duas exceções: "uma exceção é geográfica: a Europa Central e Ocidental realmente experimentaram um declínio substancial da religião, que se tornou um ingrediente importante da identidade cultural européia. A outra exceção é sociológica, compreendendo uma elite intelectual internacional pouco numerosa, mas influente, para a qual a secularização se tornou não só um fato, como, pelo menos para parte de seus membros, um compromisso ideológico".

A modernidade traz consigo o pluralismo e não a secularização

"O que a modernidade traz consigo, - afirma Peter Berger - mais ou menos inevitavelmente, não é secularização, mas pluralismo - a coexistência pacífica de distintos grupos raciais, étnicos ou religiosos na mesma sociedade". Segundo Berger, "no nível institucional, pluralismo significa que as religiões estabelecidas já não podem mais dar por certo que uma população específica se submeterá passivamente à sua autoridade. Se a liberdade de culto está garantida - a situação típica nas democracias liberais - as instituições religiosas não podem depender do Estado para preencher os seus templos".

Uma decisão religiosa como uma opção de consumo de baixa intensidade

"As pessoas, em vez disso, precisam ser convencidas a aceitar esse tipo de autoridade, dando origem a algo semelhante a um mercado religioso. Mesmo se uma tradição religiosa ainda reivindique para si a maioria de uma população na condição de adeptos nominais, os indivíduos ainda podem optar por se desligar da instituição que representa essa tradição (como acontece nos países de maioria católica da Europa)", escreve o sociólogo norte-americano. Desta forma, segundo ele, "no nível da consciência individual, isso significa que agora é mais difícil se imbuir de certeza religiosa. Uma decisão religiosa pode ser uma questão de comprometimento passional (como no "salto da fé" de Kierkegaard), ou, mais comumente, uma opção de consumo de baixa intensidade emocionalmente (expressada na notável frase americana "preferência religiosa")". Segundo Peter Berger, "como resultado, o pluralismo pressiona as igrejas para que estas se tornem congregações. Uma congregação tem as características de uma igreja, em cujo âmbito as pessoas nascem, porém as pessoas aderem a ela voluntariamente e ela aceita o direito de existência de outras congregações".

'A Igreja fez a opção pelos ricos. A opção pelos pobres acabou', afirma teólogo

"A Igreja fez clara opção preferencial pelos ricos, a opção pelos pobres acabou", advertiu José Comblin, um dos mais conhecidos teólogos latino-americanos. Falando em São Paulo para um auditório de 200 intelectuais, padres e freiras, a convite da Sociedade de Teologia e Estudos da Religião (Soter) e do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, o teólogo acrescentou que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) parece seguir o mesmo caminho. A notícia está publicada no jornal ***O Estado de S. Paulo*** de 4-5-05. Comblin observou que é difícil prever como será o pontificado de Joseph Ratzinger, "porque ele ainda não se revelou", mas disse acreditar que como Bento XVI ele dará força a movimentos apostólicos como Opus Dei, Legionários de Cristo e Comunhão e Libertação, na mesma linha de seu predecessor, João Paulo II. "Os meios de comunicação e as universidades deverão ter prioridade, porque a Igreja acredita que é por aí que reconquistará os católicos que se afastaram." "Devemos rezar para que não haja um Vaticano III, porque seria terrível, apenas uma glorificação do papa", ironizou o teólogo, provavelmente se referindo à presteza com que

os cardeais elegeram Ratzinger no quarto escrutínio do conclave. "Não se espere outro João XXIII, porque isso só vai ocorrer daqui a mil anos".

Quase dois irmãos. A relação entre classe média e favela

O filme **Quase dois irmãos**, que será apresentado e debatido no dia 25 de maio aqui na Unisinos, gratuitamente, vai e volta no tempo para mostrar como a relação entre a classe média e a favela cariocas virou - nas palavras da diretora Lucia Murat - um círculo vicioso. O filme foca os encontros e desencontros do deputado federal Miguel (Werner Schünemann) e do líder do tráfico de drogas Jorginho (Antonio Pompeo) - amigos de infância que, nos anos 1970, dividiram a cela no presídio de Ilha Grande, quando Miguel (então interpretado por Caco Ciocler) era um ativista político, e Jorginho (Flávio Bauraqui), um pequeno assaltante. Com roteiro co-escrito por Paulo Lins, autor do livro **Cidade de Deus**, o filme está competindo no mais antigo festival de cinema dos EUA, o de San Francisco, que termina hoje. "Não só fui presa política nos anos 1970 como tive um pai progressista nos anos 1950 que me mostrou as favelas", narra Lucia Murat, diretor do filme em entrevista publicada no jornal ***Zero Hora***, 4-5-05. E continua: "Vivo hoje a impotência de quem continua acreditando numa sociedade igualitária e depara com esta guerra social. Vivi, indiretamente, o conflito entre os presos políticos e os comuns na Ilha Grande - que, num certo sentido, deu origem ao Comando Vermelho. O CV foi bastante influenciado por esse contato. De início, proibiu nas cadeias o estupro, distribuiu comida nas favelas... Enfim, teve um discurso confuso, mas com fundo social. Mas na verdade a idéia do filme veio da situação atual, quando filhas de amigos começaram a subir o morro, ir a bailes funk e namorar jovens do tráfico. Então, pensei no que tinha ocorrido na Ilha Grande". Sobre a parceria com Paulo Lins ela diz que "foi ótimo. Tenho a impressão que nós - os chamados intelectuais de classe média -, quando criamos o personagem povo, ele se transforma num tratado sociológico. O Paulo poderia vir com personagens de carne e osso. Ele conhecia o universo da favela e poderia ser o contraponto que eu precisava à classe média".

Paulo Eduardo Arantes, professor da USP, depõe sobre Henrique de Lima Vaz

A revista de filosofia ***Síntese***, no. 102, janeiro-abril 2005, publica um longo depoimento do Prof. Paulo Eduardo Arantes, USP, sobre Henrique Cláudio de Lima Vaz, padre jesuíta, filósofo e cujo 3º aniversário de falecimento ocorre no dia 23 de maio. Paulo Arantes, entre outros dados interessantes, mostra, com perspicácia, a inserção político-intelectual de Lima Vaz num momento bastante fértil da história do país, como foram os anos 61-64, situando-o junto a duas outras tradições interpretativas daquele objeto que se impunha inescapavelmente à reflexão de todos os intelectuais daquele momento: o Brasil. Assim, podiam-se identificar, segundo Paulo Arantes, três vertentes de interpretação crítica do Brasil: o pensamento oficial do ISEB, representado pelo Prof. Álvaro Vieira Pinto; o marxismo em geral (ligado ao ISEB), composto por pessoas como Celso Furtado, por exemplo, Roland Corbusier, além de alguns comunistas como Nelson Werneck Sodré, entre outros; a tradição cristã da Ação Católica, da UNE e da AP, formadas na escola do Pe. Vaz. Essas três vertentes também podem ser agrupadas em função de sua pertença a uma tradição mais antiga que poderia ser chamada de 'radical', segundo a acepção dada por Antonio Candido ao termo, e que teria tangenciado outras duas tradições, a tradição 'liberal-imperial' e a tradição 'nacional-desenvolvimentista', que exerceram o poder brasileiro no século XX. A introdução ao depoimento é de Juvenal Savian Filho, doutorando do departamento de Filosofia da USP que conclui a apresentação dizendo que "o pensamento crítico do autor de **Cristianismo e consciência histórica** e **Consciência, história e**

cristianismo, de uma forma ou de outra, continua vigoroso". Para maiores informações sobre a revista e o importante depoimento histórico ver www.cesjesuit.br

A ruptura do laço social, segundo Alain Touraine

Para exemplificar a ruptura do laço social, característico da era pós-social, Alain Touraine, sociólogo francês narra no seu livro ***Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d'aujourd'hui***, (Um novo paradigma. Para compreender o mundo, hoje), editado nes te ano pela editora Fayard, , p. 114-115, o seguinte fato: A um pesquisador que lhe perguntava: "Qual é a categoria social que tu mais odeias?", um jovem sem trabalho fixo e que passava de um estágio de formação para um outro, respondeu: "A polícia, em primeiro lugar". A resposta era tão lógica que o pesquisador nem pediu um comentário. "E depois?", perguntou o pesquisador. "Os professores e os assistentes sociais", respondeu o jovem. Espantado o pesquisador perguntou: "Mas por que? Eles não lhe ajudam?" O jovem respondeu: "Porque eles nos mentem, nos enganam. Eles nos ensinam a nos integrar numa sociedade desintegrada". Esta resposta, segundo Touraine, ultrapassa o caso da população a que pertence este jovem. Para muitos, conclui Touraine, o mundo perdeu todo sentido e o não-sentido pode suscitar comportamentos de puro ódio – ódio de si e do ambiente – ou uma agitação sem fim no coração de uma cultura de massa incentivada por imagens de violência.

Jesuíta deixa direção de revista americana

América, o combativo semanário dos jesuítas dos EUA, muda de diretor: deixa o cargo Thomas Reese, sessenta anos, que, muitas vezes, teve problemas com o cardeal Ratzinger nos últimos cinco anos. A notícia é de Luigi Accatoli, jornalista italiano, publicada no jornal ***Corriere della Sera***, 8-5-05. Segundo Accatoli, há quem diga que o cassaram e há quem diga que pediu demissão, quando o seu censurador se tornou Papa. A informação mais dura foi dada pelo ***New York Times*** no dia 7-5-05: a ordem de 'demitir' padre Reese partiu da Congregação para a Doutrina da Fé, em meados de março, com uma carta enviada aos superiores do jesuíta quando ainda era prefeito o cardeal Joseph Ratzinger. Mas Reese só teria tomado conhecimento desta carta quando retornou de Roma depois de ter passado várias semanas fazendo a cobertura da morte de João Paulo II e da eleição do novo Papa. Segundo o assessor de imprensa da Companhia de Jesus, em Roma, José de Vera, "padre Reese apresentou as demissões porque queria fazê-lo, não porque lhe foi imposto". O assessor confirma que houve várias reclamações verbais, feitas pessoalmente pelo cardeal Ratzinger ao superior geral dos jesuítas, Peter-Hans Kolvenbach. Nos últimos tempos, a reclamação se referia a dois artigos: um que tratava do "matrimônio entre pessoas do mesmo sexo" e um outro sobre "se o embrião é pessoa". Outro caso espinhoso foi o da "comunhão aos políticos católicos favoráveis à lei do aborto". Há mais tempo, o padre Reese optara pela linha da "confrontação de opiniões": sobre "questões em disputa", publicava uma intervenção a favor e outra contra. Segundo o jornal italiano, mais vezes, Ratzinger advertira que tal procedimento não era suficiente. A favor de quem afirma que padre Reese tenha decidido "por sua conta" deixar – após sete anos - a direção da revista, pode ser citado um editorial de Reese na vigília do conclave intitulado "Desafios para o novo Papa": "Durante as últimas duas décadas, mais de cem teólogos foram constrangidos ao silêncio ou chamados às ordens pela Congregação para a doutrina. Uma Igreja que não pode discutir abertamente os problemas é uma Igreja que se fecha num gueto". Depois da eleição de Bento XVI, ***America*** publicou um editorial muito esperançoso. Nele se dizia que "o supremo pastor dos católicos tinha extraordinários dons intelectuais e com décadas de experiência acumulada nos centros nevrálgicos da atividade reformadora que se seguiu ao Concílio Vaticano II". A conclusão era um convite a "preparar-se para futuras surpresas" que

"estilhaçarão os estereótipos herdados do passado". Accatoli conclui afirmando que não é difícil imaginar que padre Reese, autor do primeiro editorial, não tenha concordado com o segundo, que teve que publicar por decisão dos superiores. E a partir daí que tenha decidido deixar a direção da revista.

(Voltar ao índice)

Frases da semana

Lula. Até 2008
"Posso dizer que até 2008, nós iremos cumprir o nosso compromisso de levar luz elétrica a 12 milhões de lares brasileiros que ainda não têm energia. É um trabalho imenso, porque o Brasil é muito grande, mas vamos levar a luz. Essa é uma certeza e uma garantia de que não haverá a partir de 2008 nenhum brasileiro sem ponto de luz para acender na sua casa". - **Luiz Inácio Lula da Silva**, Presidente da República - ***O Globo***, 2-5-05.

O emprego não existe
"A população quer emprego. E esse emprego não existe". – **Dom Nelson Westrupp**, bispo de Santo André, SP, na missa assistida pelo presidente da República, no dia 1º de maio - ***O Globo***, 2-5-05.

"Eu que passei parte da minha vida gritando fora FMI. Mas de repente sou Presidente da República e saímos do FMI pela porta da frente, sem nenhum grito. Se um dia precisar, voltaremos de cabeça erguida. Não precisa fazer discurso ideológico". – Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, aplaudido, fazendo um *mea culpa* sobre suas posturas em relação ao FMI - ***O Estado de S. Paulo***, 3-5-05.

O *mea culpa* de Palocci
"Nossa bancada, onde eu me incluo, falhou. Não demos apoio à lei e isso foi uma falha que o Presidente Lula corrigiu ao assumir um forte compromisso fiscal no seu governo". – **Antonio Palocci**, ministro da Fazenda, fazendo *mea culpa* pela bancada petista que no ano 2000 votou contra a Lei de Responsabilidade Fiscal e ameaçou impedir, na Justiça, a sua implementação - ***O Estado de S. Paulo***, 5-5-05.

"O Palocci é um problema dele (Lula). Nossa obrigação, como amigo do Presidente, é dizer que a política econômica está errada, seja dele (Lula), seja do Palocci, seja do FMI". – **João Pedro Stédile**, coordenador nacional do MST - ***Folha de S. Paulo***, 6-5-05.

A surdez. Um problema dos que governam
"Sempre que as pessoas entram no governo, começam a ficar surdas. A surdez é um problema que ataca todos os governantes, inclusive os da esquerda. O povo tem voz suficiente para romper os tímpanos de quem está no poder". – **João Pedro Stédile**, coordenador nacional do MST - ***Folha de S. Paulo***, 6-5-05.

A queda!
"É um filme polêmico, que supostamente reconstitui as últimas horas na vida de Adolf Hitler. Polêmico porque o ditador nazista é retratado como um homem capaz de momentos de generosidade". – **Henry Sobel**, rabino, sobre o filme **A Queda! As últimas horas de Hitler** - ***O Estado de S. Paulo***, 6-5-05.

"O filme (A Queda!) deve ser visto, mas não aplaudido". - **Henry Sobel**, rabino, sobre o filme **A Queda! As últimas horas de Hitler** - ***O Estado de S. Paulo***, 6-5-05.

"Não há risco de se ter a impressão de que Hitler foi mártir. O filme não o retrata como humanizado em momento algum. O fato de ele ter apego pela cachorra Blondi, ou tratar bem sua secretária e os filhos de Goebbels não ameniza atrocidades que ele cometeu". – **Antonio Pedro Tota**, historiador e professor de História - ***O Estado de S. Paulo***, 6-5-05.

"A autoridade dele (de Hitler) era extraordinária. Era sempre cortês e encantador. Não havia nada a objetar em relação a ele". - **Erna Flegel**, secretária de Hitler - ***O Estado de S. Paulo***, 3-5-05.

A sociedade e o PT foram para a direita
"O PT evoluiu e se transformou num partido exageradamente moderado. Não só o PT. A sociedade brasileira foi para a direita. O movimento sindical foi para a direita. Que fim levou aquela efervescência dos anos 80 que era marca entre os operários, os bancários, os funcionários públicos, as associações de moradores? Acabou. Acho que a moderação é exagerada" – Vladimir Palmeira, possível candidato a governador do PT no Rio de Janeiro – ***NoMínimo***, 8-5-05.

Parteira é uma pessoa divina
"Parteira, minha gente, é uma pessoa divina. O primeiro médico nasceu de parteira. O primeiro governo que houve foi nascido de parteira. Quantos senadores, deputados, governadores, nasceram de parteira? É meu apelo minha gente, vamos lutar por uma vida melhor" – **Glória**, parteira baiana, que contabiliza 120 crianças trazidas ao mundo, na Reunião Nacional de Parteiras Tradicionais, realizada em Oliveira dos Campinhos, BA, lutando pela regulamentação do ofício de parteira - ***Jornal do Brasil***, 8-5-05.

O Papa não é um soberano absoluto
"O Papa não é um soberano absoluto, cujo pensamento e vontade são leis" – **Bento XVI**, na homilia feita na Basílica de São João de Latrão, no sábado, dia 7-5-05 – ***La Repubblica***, 8-5-05.

(Voltar ao índice)

EVENTOS IHU

IHU Idéias

BIODIVERSIDADE EM CRISE

A crise da biodiversidade foi tema do **IHU Idéias** na última quinta-feira, dia 5 de maio. O Prof. Dr. Carlos Roberto Dutra Fonseca, da Unidade de Ciências da Saúde da Unisinos, foi quem conduziu o debate que prepara o **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade**, a ser realizado nos próximos dias 16 a 19 de maio, na Unisinos. Ao falar sobre os fatores da crise ambiental em que se encontra o planeta Terra, o professor se apresentou como otimista, lembrando que todos devem enfrentar a situação e fazer sua parte. Para isso, Carlos Fonseca afirmou que é preciso novas estratégias ousadas de conservação, novas áreas da

ciência, novos incentivos, novas instituições, novas estratégias de sensibilização, nova educação ambiental, novos hábitos, novas políticas, novos modelos econômicos, nova sociedade, novas parcerias e novos valores éticos. Fonseca concedeu uma entrevista sobre o tema do evento na edição número 139 do ***IHU On-Line***, de 2 de maio de 2005.

Ecos do evento

"Considero como importante a interlocução entre a área social e a área ambiental, apesar de que hoje falar em área é uma herança do modelo cartesiano, já que devemos, cada vez mais, trabalhar de forma inter e transdisciplinar. Não falamos mais da sociedade e/ou do ambiente: falamos área socioambiental, pois um não pode ficar sem o outro. É muito importante a atitude do IHU de chamar para a discussão transdisciplinar os aspectos ambientais".
Rafael José Altenhofen, mestre em Biologia pela Unisinos e coordenador da UPAN, ONG sócio-ambientalista de São Leopoldo.

"Se fosse mais comum a promoção de palestras como essa, talvez nossa realidade seria diferente. As pessoas precisam de conhecimento, porque ninguém preserva o que não conhece. Isso deve fazer parte da vida da gente. Entre os dados trazidos pelo professor, marcou-me a velocidade com que a espécie humana vem degradando o Universo".
Alessandra Iob, mestranda em Biologia na Unisinos.

FLORESTA COM ARAUCARIA; RIQUEZA FAUNISTICA E AMEAÇAS AO BIOMA

*A última edição do **IHU Idéias,** no mês de maio, está marcada para a próxima quinta-feira, dia 12. O tema a ser apresentado será Floresta com Araucária: riqueza faunística e ameaças ao bioma, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Emerson Monteiro Vieira, da Unidade de Ciências da Saúde da Unisinos e do Laboratório de Ecologia de Mamíferos da Universidade. Graduado em Ciências Biológicas pela UnB, Emerson Vieira é mestre e doutor em Ecologia pela Unicamp. **IHU On-Line** entrevistou o professor Emerson, na última semana, por e-mail, sobre o tema que será apresentado no evento de quinta-feira. Não haverá mais programação do **IHU Idéias** neste mês, em função da realização do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, de 16 a 19 de maio próximos, e do feriado de Corpus Christi, dia 26 de maio. Confira, a seguir, a íntegra da entrevista:*

A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NÃO CRESCE COM A VELOCIDADE NECESSÁRIA

IHU On-Line - O evento do qual o senhor participará destina-se a um público diversificado. Qual é a sua expectativa?
Emerson Vieira - Em geral, nós apresentamos nossos trabalhos para colegas da mesma área de interesse. A divulgação e a discussão de dados com um público diversificado são bastante interessantes, pois constitui uma oportunidade de divulgar os resultados dos nossos estudos para uma audiência mais ampla. Além disso, é também uma excelente oportunidade para interação com pessoas que podem lançar novas perspectivas aos nossos estudos.

***IHU On-Line* - Qual é a riqueza faunística da floresta com araucária? Como, em linhas gerais, ela se constitui e caracteriza?**
Emerson Vieira - Em termos de fauna de mamíferos, que é o grupo que eu estudo, a Floresta com Araucária possui uma fauna bastante rica, similar ao resto da Mata Atlântica

(internacionalmente reconhecida por sua riqueza e taxa de endemismo[35]), porém com componentes de regiões mais temperadas. Os mamíferos são representados por espécies que ocorrem na Argentina e Uruguai e têm seu limite de distribuição na Floresta com Araucária.

***IHU On-Line* - Quais são as principais ameaças ao referido bioma? Como combatê-las?**
Emerson Vieira - A principal ameaça é o desmatamento para aproveitamento da madeira, que causa redução e fragmentação do *habitat*. Especialmente para os mamíferos, a caça é uma forte ameaça. Para combatê-la é necessário um conjunto de fatores, mas, com certeza, um aumento da consciência ecológica das pessoas e uma fiscalização efetiva são essenciais para evitar, ou pelo menos reduzir, essas ações.

***IHU On-Line* - Como o senhor caracterizara o estágio brasileiro, no que diz respeito às medidas oficiais para a preservação da fauna?**
Emerson Vieira - A nossa legislação ambiental não é ruim, o grande problema é conseguir fazer com que a lei seja cumprida.

***IHU On-Line* - Pode-se dizer que, de maneira geral, aumentou a consciência da população sobre a importância da fauna? Como essa consciência se manifesta, na prática?**
Emerson Vieira - Eu acho que sim. Em muitos locais que a gente vai para coletar dados de pesquisa, podemos sentir que há pessoas preocupadas com a preservação dos animais e da Floresta com Araucária em geral. O problema é que esse aumento da consciência ecológica não ocorre com a velocidade que seria necessária para barrar a devastação das áreas naturais.

***IHU On-Line* - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários?**
Emerson Vieira - Acho importante frisar que a Floresta com Araucária é refúgio para uma série de espécies animais e vegetais que se extinguirão no Estado se ações preservacionistas não forem tomadas com urgência.

I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

O tema *Compreendendo a teoria de Keynes* foi apresentado pelo Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS, na última edição do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, realizado dia 5 de maio. O economista estudado, John Maynard Keynes, nasceu em 1883 e faleceu em 1946. Sua principal obra é ***Teoria Geral do emprego, do juro e da moeda***, publicada em 1936. O professor Fernando concedeu uma entrevista ao ***IHU On-Line,*** número 139, de 2 de maio de 2005.

Ecos do evento

"Achei interessante a revisão do conhecimento de Keynes, pois no curso temos poucas oportunidades de estudar tão a fundo o pensamento dos autores. A visão de Keynes para sua época foi completamente avançada e diferente do que existia. Sua teoria é muito importante para a constituição da economia do mundo, nos sendo útil até hoje".

[35] Taxa de endemismo é a exclusividade de ocorrência de uma espécie em uma localidade. A Mata Atlântica é considerada uma das áreas do planeta com maior biodiversidade e taxa de endemismo de espécies. (Nota do ***IHU On-Line***).

Rafael Dalcin, aluno do curso de Economia da Unisinos.

"Keynes foi um autor interessante porque criticou os clássicos de sua época de forma clara e objetiva, analisando pontos da economia então vigente. O que Keynes pretendia não era mudar, mas reformar o sistema. Um curso como esse é muito válido, pois vai além da sala de aula e nos possibilita o contato com várias formas de pensamento sobre o mesmo autor".
Eduarda Martins Correa, aluna do curso de Economia da Unisinos.

Quarta com Cultura Unisinos

CICLO DE ESTUDOS SOBRE "O METODO", DE EDGAR MORIN

A próxima atividade na programação do **Quarta com Cultura Unisinos** será quarta-feira, dia 11 de maio, com a apresentação da obra ***O Método III***, no **Ciclo de Estudos sobre "O método", de Edgar Morin**. O Prof. Dr. José Roque Junges, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos é quem conduz o debate, que se realizará das 19h30min às 21h30min na Livraria Cultura, localizada no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. O evento é aberto à comunidade em geral.

Humanitas Arte

O projeto **Humanitas Arte**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, inicia sua primeira exposição de 2005, amanhã, dia 10 de maio. Será a quinta edição do evento, que acontece em parceria com a Unidade de Ciências Humanas, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, sob a coordenação do Prof. Dr. Inácio Neutzling, da Prof.ª Dr.ª Marcia Angelita Tiburi e da Prof.ª MS Vera Regina Schmitz. **Humanitas Arte** oferece à comunidade acadêmica e regional um momento de contemplação e reflexão sobre as artes plásticas e visuais. Espera-se, com o projeto, que as artes possam valer como antenas do processo social e histórico em que se situa o humano e alçá-lo para o significado amplo da vida como um todo.
A quinta edição de **Humanitas Arte** contará com a exposição *Sobre a face da Terra*, da artista Cylene Dallegrave, de 10 a 20 de maio de 2005, de segundas a sábados, das 8h às 22h, no Espaço Cultural do Instituto Humanitas Unisinos. A abertura da exposição será no mesmo local, às 19h do dia 10 de maio, seguida de um debate com a artista e o artista plástico Leandro Selister.
Cylene Dallegrave apresenta uma obra interativa, que propõe a (re)construção da imagem do planeta Terra com pequenos magnetos do tipo "ímã de geladeira". Como num quebra-cabeça, cada fragmento contribui para o surgimento da imagem, que revela, ainda, a sobreposição de um rosto humano, numa alusão ao olhar que o Planeta devolve aos seus habitantes. No dia anterior à abertura da exposição, dia 9 de maio, a partir das 19 horas, a artista propõe a participação do público na ocasião da montagem do trabalho, incentivando a discussão a respeito das pequenas ações que cada um pode fazer em prol da preservação e saúde do planeta.

A exposição está relacionada com a promoção do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, a ser realizado de 16 a 19 de maio próximo, pelo Instituto Humanitas Unisinos.

A TERRA AINDA É AZUL

Por Leandro Selister

*O artista plástico Leandro Selister, editor do site Artewebbrasil (www.artewebbrasil.com.br) comenta a obra de Cylene Dallegrave no artigo que segue. Leandro Selister participou do projeto **Humanitas Arte** em abril de 2004, apresentando seu livro de artista com imagens de vídeo e citações de textos, que ele denominou **Consciência**, tendo como tema os 40 anos da ditadura militar e das torturas políticas. Selister é bacharel em Fotografia pelo Instituto de Artes da UFRGS. Ele concedeu uma entrevista sobre sua obra ao **IHU On-Line** na 95ª edição, de 5 de abril de 2004.*

Há 44 anos, no dia 12 de abril de 1961, o russo Yuri Gagarin (1934-1968), primeiro homem enviado ao espaço, a bordo da pequena nave Vostok 1, após realizar uma volta completa em torno do planeta, declara: "A Terra é azul!".

Os avanços tecnológicos que se seguiram até os dias atuais permitem que qualquer pessoa, por meio de um computador conectado à Internet, comprove a afirmação de Gagarin. Imagens captadas a partir de satélites que orbitam[36] ao redor de nosso planeta nos oferecem imagens em tempo real da Terra.

Apesar de todo esse avanço tecnológico, escutamos diariamente sobre a necessidade e urgência da preservação de nossos recursos naturais, da nossa água, de nossas florestas. Exige-se, cada vez mais, um novo posicionamento do homem frente ao seu *habitat*.

O trabalho *Sobre a face da Terra,* de Cylene Dallegrave, é uma interpretação sensível dessa consciência que devemos assumir e do papel que devemos desempenhar frente ao mundo de hoje. Na interpretação da artista, a Terra não é apenas azul, como constatou nosso cosmonauta há quase meio século. A Terra de Cylene também nos observa com um olhar que beira a indiferença, uma indiferença que talvez seja um reflexo da nossa postura em relação ao planeta que habitamos.

A imagem é trabalhada com recursos de computação gráfica e de apropriação de imagens e é desconstruída em centenas de pequenos fragmentos que irão formar um grande quebra-cabeça.

No dia 9 de maio, Cylene propõe uma interação com o trabalho, permitindo que o público a ajude a colocar cada um desses fragmentos no seu devido lugar para que a imagem volte a se formar. Com esse pequeno gesto, a artista cria uma metáfora sobre a reconstrução de nosso planeta, chamando a consciência de cada um de nós sobre a contribuição que devemos dar, mesmo que ela pareça insignificante.

Dessa forma, poderemos continuar a afirmar que a Terra ainda é azul.

"UMA REFLEXÃO SOBRE A RESPONSABILIDADE DE CADA UM PERANTE O MEIO AMBIENTE"

Entrevista com Cylene Dallegrave

A artista Cylene Dallegrave é formada em Jornalismo, pela PUCRS, e pós-graduada em Poéticas Visuais, com ênfase em Gravura, Fotografia e Imagem Digital, pela Feevale. Trabalha, desde 1993, com artes visuais,

[36] Site : http://www.fourmilab.ch/earthview/ (Nota do autor)

tendo freqüentado cursos de pintura, colagem, desenho, gravura, técnicas mistas e História da Arte. Em 1996, ingressou no Centro de Desenvolvimento da Expressão/RS, onde integrou o núcleo de xilogravura, técnica com a qual produz, anualmente, as ilustrações da campanha gráfica do Festival de Bonecos de Canela. Faz parte da oficina de Litografia do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e é integrante da Diretoria Executiva do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul. Participou de diversas exposições coletivas e foi selecionada no XIV Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre (2000), XIII Salão de Artes Plásticas de Praia Grande/SP (2001), 11° Salão Internacional de minigravuras de Lódz, Polônia (2002) e 2º Salão de Artes Plásticas de Gravataí (2003). Em 2004, realizou as ilustrações do ***Livro Vermelho da Fauna em Extinção do Rio Grande do Sul****, participou como artista convidada do Loft BR Turbo, em Porto Alegre, e recebeu o Prêmio Aquisição no XVI Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre. Confira, a seguir, a entrevista que a artista concedeu ao* ***IHU On-Line*** *na última semana, por e-mail:*

***IHU On-Line* - Qual é a sua expectativa ao expor/apresentar uma obra sua em um ambiente universitário? Pode-se esperar uma interação diferenciada?**

Cylene Dallegrave - Gosto muito da idéia de expor fora de locais criados especificamente para isto, como salas de exposições, museus e galerias. No ano passado participei, como artista convidada, do Loft BR Turbo, uma espécie de "happening", no cais do porto de Porto Alegre, que durou três semanas e misturava um pouco de tudo, desde concertos de música clássica até shows performáticos e DJs que se alternavam animando a pista de dança durante a madrugada. Meu trabalho, portanto, foi visto por um público bastante diversificado e talvez não muito acostumado ao circuito tradicional das artes visuais. O retorno foi ótimo, pessoas vinham conversar comigo, desejando saber mais sobre o que estavam vendo e muitas vezes querendo discutir questões conceituais que eu apresentava ali. Minha expectativa agora, na Unisinos, é conseguir repetir essa interação, desta vez com o público universitário. Até porque a maneira como concebi o trabalho tem essa intenção: fazer com que o observador pense a respeito do que está vendo e que se sinta parte da obra, ou melhor, parte do que ela representa, que é a Terra, a superfície terrestre, nosso habitat. Se isso servir para uma reflexão sobre a responsabilidade de cada um perante o meio ambiente, terei realizado meu objetivo.

***IHU On-Line* - Na sua opinião, os avanços tecnológicos estariam afastando ainda mais o público em geral da arte?**

Cylene Dallegrave - Não penso assim. Em primeiro lugar, percebo que os recursos tecnológicos, como o computador e a Internet, por exemplo, abrem mais uma porta para a pesquisa e o contato visual com obras de arte, coisas que antes só eram possíveis através de livros caros ou de visitação a Museus. Hoje, mesmo escolas públicas, com poucos recursos, já têm salas com computadores ligados à rede, dando acesso a Museus e sites especializados, onde os alunos podem ver, conhecer e entender um pouco melhor o que se produziu e se produz em termos de artes visuais. Por outro lado, a arte digital propriamente dita também se desenvolve e está encontrando seu lugar. Eu utilizo cada vez mais a fotografia digital e a computação gráfica e para minha surpresa, tenho recebido encomendas e propostas de trabalho que procuram esse tipo de recurso. Isso sem falar em artistas que estão criando sites na Internet e produzindo obras para serem vistas exclusivamente através do computador, em formatos digitais.

***IHU On-Line* - Como a senhora avalia, a convergência das manifestações artísticas e as novas tecnologias?**

Cylene Dallegrave - Acho muito natural que os artistas pesquisem e procurem explorar as novas tecnologias. A meu ver, a curiosidade é uma qualidade inerente ao artista e é

praticamente impossível, no mundo de hoje, passar incólume a esse processo extremamente veloz das evoluções tecnológicas. Isso, é claro, não impede que os artistas continuem se manifestando através de todo e qualquer tipo de técnica. O desenho, a pintura, a gravura, a escultura nunca deixarão de existir, mas estamos diante de máquinas que nos dão novas possibilidades de experimentação e porque não usá-las? Acho que o artista deve utilizar tudo que está ao seu alcance, mas na verdade, não importa o meio, importa o que está sendo dito.

***IHU On-Line* - Qual é a sua opinião sobre o cenário das artes plásticas nacionais? Temos avançado?**
Cylene Dallegrave - Bem, não me sinto apta a fazer uma análise profunda sobre a evolução da arte brasileira, mas o depoimento que posso dar e acho pertinente mencionar sempre, é a dificuldade cada vez maior que o profissional do meio artístico e cultural enfrenta para vencer obstáculos primários e mostrar seu trabalho. Iniciativas como essa, do Instituto Humanitas, da Unisinos, convidando o artista a produzir uma obra e dando todo o suporte para apresentá-la, incluindo local, material gráfico, convites e divulgação, estão cada vez mais raras. A maioria das instituições públicas, que até pouco tempo proporcionava esses recursos, hoje não tem verba para bancar um mínimo de estrutura e oferece, na prática, somente o local da exposição, deixando a cargo do artista quase todos os custos. Mesmo as leis de incentivo, criadas para que projetos culturais consigam o apoio de empresas privadas, têm uma engrenagem tão complexa, que na prática emperram a realização dos eventos. Nesse sentido não temos avançado nada e não vejo um horizonte muito favorável pela frente.

***IHU On-Line* - A obra que a senhora exporá contém um, por assim dizer, apelo social. Esse propósito está presente nas suas demais obras?**
Cylene Dallegrave - O trabalho que estou expondo partiu de um convite, propondo uma temática relacionada ao Simpósio Internacional "Terra habitável; um desafio para a humanidade", que começa no dia 16. Foi um desafio produzir uma peça voltada para este tema, pois normalmente abordo outras questões, de caráter mais pessoal e diretamente ligadas ao inconsciente. Pensar uma imagem, fazer com que ela incitasse uma discussão sobre esse novo assunto e propusesse uma interação com o público, foram as metas que busquei alcançar, não deixando de trazer para a obra características da minha pesquisa recente, como alguns recursos gráficos e a decupagem/reconstrução da imagem. Vejo que afinal, apesar de ter uma gênese diferente, o resultado alcançado permanece na mesma linha de pensamento que costumo abordar habitualmente, que é o convite a uma reflexão interior. Se normalmente busco fazer com que o observador olhe para dentro de si e pense no seu universo particular, oculto no inconsciente, aqui também proponho que cada um desperte para o seu lugar no mundo, tomando consciência da importância de seus atos na preservação e conservação do Planeta.

III Ciclo de Estudos sobre o Brasil

REBELIÕES DA SENZALA: QUILOMBOS, INSURREIÇÕES, GUERRILHAS

A terceira edição do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** terá como atividade, no próximo dia 12 de maio, a apresentação do livro ***Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas***, de Clóvis Moura, pelo Prof. Dr. Diorge Konrad, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O evento acontece das 14h às 17h, na sala 1G119, junto ao IHU. A mesma obra será apresentada pelo professor Diorge, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, no próximo dia 2 de junho, na programação do **Quarta Com Cultura**

Unisinos. Graduado em História pela UFSM, Diorge Konrad é mestre em História do Brasil pela PUCRS, com dissertação intitulada *1935: A Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. O professor é também doutor em História Social do Trabalho, pela Unicamp, e sua tese leva o título *O Fantasma do Medo: O Rio Grande do Sul, a Repressão Policial e os Movimentos Sociopoliticos (1930-1937)*. Diorge Konrad concedeu a entrevista que segue ao ***IHU On-Line***, por e-mail, na semana que passou.

"O ESCRAVO NÃO FOI VÍTIMA PASSIVA DO SEU DESTINO"

Entrevista com Diorge Konrad

***IHU On-Line* - Como Clóvis Moura aborda a história do negro no Brasil? Sua obra pode ou deve ser considerada uma análise marxista?**

Diorge Konrad - O autor produziu em sua vasta obra (***Dialética radical do Brasil negro***, ***Os quilombos na dinâmica social do Brasil***, ***Sociologia do negro brasileiro***, ***História do negro brasileiro***, ***Quilombos - resistência ao escravismo***, ***A Imprensa Negra***, ***Rebeliões da senzala***, entre outros, deixando no prelo ***Dicionário da Escravidão no Brasil***, a sair pela EDUSP) um estudo permanente do racismo e de seu significado na sociedade brasileira, com base nas marcas deixadas pelo modo de produção escravista que perdurou até o século XIX. ***Dialética radical do Brasil negro*** foi a primeira obra que tentou a síntese da luta dos escravos no processo histórico brasileiro, que teve como objetivo investigar o passado histórico para compreender melhor as lutas do presente e construir os instrumentos conceituais que permitissem, aos oprimidos, lutar pela igualdade entre os homens e por uma forma superior de organização da sociedade, com base em um referencial teórico marxista fundamental: a existência da luta de classes na sociedade escravista.

***IHU On-Line* - Qual é a importância da mesma na historiografia brasileira?**

Diorge Konrad - ***Rebeliões da Senzala*** contrasta pioneiramente com a visão do escravo como vítima passiva de seu destino. As visões dominantes da história de nosso passado escravista descreviam uma sociedade sem luta de classes e onde as contradições entre senhores e escravos eram vistas como choques entre a cultura superior dos europeus e a "barbárie" dos africanos, os escravos. Nesse sentido, contrapôs-se à obra de Gilberto Freyre[37] e, inclusive, de marxistas como Caio Prado Jr.[38] Sem ***Rebeliões*** ..., não haveria a obra de uma geração de

---

[37] Gilberto Freyre (1900-1987), escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen do ano, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna,* em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: ***Casa grande & Senzala*** e ***Sobrados e Mocambos.*** O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no **Cadernos IHU** número 6, de 2004, intitulado **Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações.** (Nota do ***IHU On-Line***)

[38] O livro ***Formação do Brasil Contemporâneo***, de Caio Prado Júnior, foi apresentado no **I Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 14 de agosto de 2003, pela Profª. MS Márcia Eckert Miranda, da Unisinos, que concedeu uma entrevista sobre a obra e o autor ao ***IHU On-Line*** na 70ª edição, de 11 de agosto de 2003. (Nota do ***IHU On-Line***)

estudiosos liderada por Florestan Fernandes[39], Octávio Ianni, Emilia Viotti da Costa[40], Fernando Henrique Cardoso, Jacob Gorender[41], etc.

***IHU On-Line* - A análise desenvolvida pelo referido autor mantém sua vitalidade? Em que medida ela se aplica à problemática contemporânea da população negra?**
Diorge Konrad - Penso que a obra de Clóvis Moura mantém a sua vitalidade, pois a relação entre escravidão e racismo ainda é a forma mais ampla e científica de entendermos a problemática social dos afro-descendentes em nosso País, enfrentando temas e ações práticas em torno do próprio racismo, da questão das cotas, da discriminação social, etc.

***IHU On-Line* - Como a academia e as ciências sociais vêm tratando as questões ligadas aos negros?**
Diorge Konrad - Entendo que a academia brasileira, de forma geral, e as ciências sociais, em particular, tratam esta problemática tergiversando e contornando a essência do problema, abordando as questões ainda de forma fragmentária e esporádica. Tal percurso metodológico e ideológico, na maior parte das vezes, contribui para a construção de uma visão idílica dos escravos e dos afro-descendentes no processo histórico, escondendo a contribuição de seu esforço produtivo para a construção da riqueza social, contraditoriamente acumulada nas mãos de poucos, quando não no exterior.

***IHU On-Line* - Quais pesquisas e estudos em andamento sobre a problemática negra brasileira o senhor destaca?**
Diorge Konrad – Felizmente, e, cada vez mais, tanto a historiografia como as Ciências Sociais vêm ampliando estudos sobre a complexidade tanto da escravidão em nosso País, como o seu produto histórico que se mantém até a atualidade: o racismo (talvez o principal ensinamento que nos legou Clóvis Moura). No Rio Grande do Sul, os trabalhos produzidos e orientados por Mário Maestri, que, na minha opinião, é o maior historiador da escravidão que já tivemos em nosso estado, seguindo a linha de Moura, de Jacob Gorender, tem nos mostrado não só a escravidão como um todo, mas também as diversas formas de resistência e de luta escrava no território sulino. Quanto à indicação bibliográfica, para qualquer leitor inicial, prefiro indicar clássicos, além das obras de Moura já citadas acima, como ***A integração do negro na sociedade de classes*** e ***O negro do mundo dos brancos***, de Florestan Fernandes; ***Escravidão e racismo*** e ***Raças e classes sociais no Brasil***, de Octávio Ianni; ***Onda negra, medo branco***, de Célia de Azevedo; ***O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição***, de Maria Helena Machado; ***Da Senzala à Colônia***, de Emília Viotti da Costa; e a leitura básica ***O que é racismo***, de Joel Rufino dos Santos.

---

[39] O livro ***A Revolução Burguesa no Brasil***, de Florestan Fernandes, foi apresentado no **I Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 9 de outubro de 2003, pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, da FEE, que concedeu uma entrevista sobre a obra e o autor ao ***IHU On-Line*** na 78ª edição, de 6 de outubro de 2003. (Nota do ***IHU On-Line***)

[40] O livro ***Da Monarquia à República***, de Emília Viotti da Costa, foi apresentado no **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 28 de outubro de 2004, pela Profa. Dra. Eloisa Capovilla da Luz Ramos, da Unisinos, que elaborou um artigo sobre a obra, publicado no ***IHU On-Line*** número 120, de 25 de outubro de 2004. A Profª. Dr.ª Emilia Viotti da Costa, da USP, estará na Unisinos em 30 de junho próximo, apresentando o IHU idéias com o tema *Mercado comum e as políticas neoliberais*. (Nota do ***IHU On-Line***).

[41] O livro ***O Escravismo Colonial***, de Jacob Gorender, foi apresentado no **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 28 de abril de 2005, pelo Prof. Dr. Mário Maestri, da UPF, que concedeu uma entrevista sobre a obra e o autor ao ***IHU On-Line*** na 138ª edição, de 25 de abril de 2005. (Nota do ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários?**

Diorge Konrad - Gostaria de terminar, citando José Carlos Ruy, também estudioso da obra de Clóvis Moura, seu amigo pessoal durante longos anos e seu companheiro de movimentos políticos e sociais desde a época da ditadura militar até o falecimento do autor de *Rebeliões da Senzala* no final de 2003. Para aquele jornalista, a obra de Moura auxiliou na compreensão de como, com base naquelas contradições de nosso passado histórico, o Brasil tornou-se o que é hoje. Em primeiro lugar, no caráter e na persistência de algumas características que, enraizados no passado colonial e escravista: 1) permaneceram na sobrevivência fantasmagórica do poder das oligarquias tradicionais; 2) na relevância numérica da escravidão, seu tempo de duração e na forma como ela foi abolida no Brasil, o que determinou "a emergência do modelo do capitalismo dependente em que vivemos até hoje"; 3) na compreensão daquelas elites, que dominaram durante todo o período escravista, na Colônia e no Império, conduzindo e determinando a forma como se deu a abolição em nosso país, e, mesmo assim, continuando à frente do Estado e do governo sob a República; 4) através de uma análise que, contra essas elites, foi um dos primeiros estudos onde a história do escravo (e do negro) brasileiro foi colocada no seu justo lugar de história do povo brasileiro, e não de um segmento populacional à parte, específico e segmentado, reatando a história do povo brasileiro de nossos dias com a história daqueles que, antes de 1888, mourejavam sob o instituto infame da escravidão. Esta síntese do significado da obras de Clóvis Moura, desenvolvida por Ruy, nos faz entender melhor, porque o intelectual, jornalista, historiador, poeta, sociólogo, professor e escritor, autor de *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas,* se tornou um marco como intérprete do pensamento social brasileiro, sendo parte da pesquisa que fazia, o que o fez juntar-se aos trabalhadores, aos operários, aos negros e camponeses, colocando seu conhecimento para a libertação de todos os oprimidos, em especial para o aumento da Consciência negra em nosso País.

Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade

TERRA HABITAVEL. UM SIMPOSIO TRANSDISCIPLINAR?

Grandes nomes da física, da astrofísica, da biologia, da economia, do direito, da filosofia e da teologia estarão reunidos na Unisinos nos dias 16 a 19 de maio, no **Seminário Internacional Terra Habitável: Um Desafio para a Humanidade**. Assim, aqui estará o Prof. Dr. Günter Küppers, físico alemão discutindo o tema *A vida no cosmos: auto-organização e caos*. O Boletim IHU On-Line nº. 122, de 8 de novembro de 2004, intitulado **Teoria Quântica: novas concepções de realidade**, publicou uma entrevista com o Prof. Küppers sob o título *A simples relação de causa e efeito se tornou complexa*. Do Brasil, estarão presentes os físicos Mario Novello, do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro, debatendo o tema *A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo*. Da UFRJ, estarão presentes os físicos Luiz Pinguelli Rosa e Antonio Augusto Passos Videira. Nos três dias do Simpósio realizar-se-á o curso *O caos dedilhado em planilhas Excel*, orientado pelo Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira, da UFMG. O mesmo professor debaterá a estrutura do universo e seus códigos físicos numa oficina do Simpósio. O Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos, da UFRGS, apresentará, em outra oficina, os episódios marcantes da vida de Einstein. Também será lançado um vídeo sobre Einstein durante o evento. *Evolução, auto-organização e caos - uma visão filosófica* é o tema da conferência magistral a ser proferida pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima – Unisinos. Por sua vez, a Profa. Dra. Karen Gloy, da Universidade de Luzerna, na Suíça, descreverá os limites e as possibilidades da teoria dos sistemas para pensar a relação da humanidade com a

Terra. O astrofísico francês, Jacques Arnould, do Centro Nacional de Estudos Espaciais de Paris, refletirá sobre os desafios para a teologia e a espiritualidade cristã que emergem de uma visão transdisciplinar da Terra. *Ecologia e mística* é o tema do curso de três dias, que será ministrado pelo Prof. Ms. Carlos James dos Santos do Cias/Ibrades de Brasília nos dias do Simpósio.

OS DESAFIOS DA TERRA PARA A ECONOMIA CONTEMPORANEA

Preocupar-se com a habitabilidade da Terra é perguntar pela economia necessária e possível capaz de propiciar este objetivo. Serge Latouche, da Universidade de Paris-Sul, exporá uma tese polêmica, já discutida nas páginas do ***IHU On-Line***. O economista francês questiona radicalmente o paradigma do atual crescimento econômico. Certamente, a manhã da quarta-feira, dia 18 de maio, tem tudo para ser animada e provocativa. A economista Hazel Henderson, da Flórida (EUA), continuará o debate da manhã, numa outra perspectiva. Um curso de dois dias, sob a orientação do Prof. Dr. Marcel Bursztyn, da UNB, discutirá os fundamentos teórico-práticos do desenvolvimento sustentável. Dele, o ***IHU On-Line*** publicou uma entrevista na 100ª edição, de 10 de maio de 2004, sob o título *Redefinir as necessidades básicas*.

O DIREITO E A TEORIA DOS SISTEMAS

Enquanto o Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto, da Unisinos, refletirá sobre o tema *Ecoética, direitos humanos e patrimônio comum da humanidade*, o Prof. Dr. Leonel Severo Rocha, coordenador do PPG em Direito da Unisinos, apresentará o tema *Teoria dos sistemas e direito*.

A COSMOLOGIA DE TEILHARD DE CHARDIN

A dimensão espiritual da realidade do cosmos a partir de Einstein e Teilhard de Chardin é o sugestivo título da oficina que será ministrada pelo Prof. Dr. Paul Alexander Schweitzer, matemático, professor da PUC-Rio. Além do curso de três dias que aprofundará o debate da obra de Teilhard de Chardin, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Magalhães Guimarães Ferreira – PUC-Rio, o Prof. Dr. Witold Skwara – UFPE, tratará, em duas oficinas, dos fundamentos cosmológicos de uma ecofilosofia em Teilhard de Chardin. Sobre Teilhard de Chardin, também versarão dois minicursos: *Teilhard de Chardin: uma leitura pós-moderna do cosmos?* e *A contribuição de Teilhard de Chardin para uma relação responsável com a Terra*, ministrados pelo Prof. Dr. Geraldo Luiz de Mori, do CES de Belo Horizonte e pelo Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, da UFRN, respectivamente.

A VIDA E A OBRA DE BALDUINO RAMBO

A vida e a obra de Balduíno Rambo, no centenário do seu nascimento, será o tema do curso de três dias a ser ministrado pelo Prof. Dr. Aldo Mellender de Araújo – UFRGS. Um vídeo sobre o mesmo tema será lançado durante o evento.

INSCRIÇÕES AINDA ABERTAS

Ainda é possível inscrever-se para o **Seminário Internacional Terra Habitável: Um Desafio para a Humanidade**. Para estudantes o valor é R$ 60,00, e para profissionais, R$120,00. Pessoas físicas e jurídicas podem participar do evento. Maiores detalhes sobre as inscrições e a programação em www.unisinos.br/ihu.

Encontros de ética

PRESSA, DEPRESSA, DEPRESSÃO

O título acima é o tema do evento **Encontros de ética** a ser realizado hoje, dia 9 de maio, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, junto ao IHU. A palestrante será Simone Engbrech, psicóloga e psicanalista, graduada pela Unisinos. Simone é membro associado do Núcleo de Estudos Sigmund Freud (NESF), de Porto Alegre, no qual realizou sua formação em Psicanálise, e no qual é supervisora. Foi também coordenadora do Núcleo da Sociedade de Psicologia/RS, em São Leopoldo, de 1999 a 2001. É autora do livro ***Aprendendo a lidar com a depressão***. São Leopoldo: Sinodal, 2001. Atualmente, Simone trabalha na área clínica, com adolescentes e adultos e coordena grupos de estudos sobre Metapsicologia Freudiana. Publicamos uma entrevista com Simone, na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, na qual ela adianta aos leitores o tema a ser apresentado hoje à tarde.

Cadernos Teologia Pública

O DEUS DE TODOS OS NOMES E O DIALOGO INTER-RELIGIOSO

"Há duas maneiras de aproximar-se do fenômeno do pluralismo religioso. A primeira olha para ele como se ele estivesse do lado de fora. Talvez se pretenda que ele seja uma aproximação "objetiva", "científica" ou "filosófica". A outra olha para ele com base na religião própria de cada um, na qual se acredita e à qual se está confiado. Eu penso que esta é a aproximação propriamente teológica", escreve Michael Amaladoss, teólogo jesuíta indiano, nos ***Cadernos Teologia Pública***, cujo número 10 acaba de ser lançado sob o título *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso*.

O artigo é a conferência pronunciada por Michael Amaladoss no Fórum Mundial Teologia e Libertação, realizado em Porto Alegre, no mês de janeiro deste ano. Segundo Amaladoss, "alguns olham para a religião de maneira abstrata, num esforço para apreender e chegar ao "real", como caminho para a libertação humana. Obviamente, as religiões são muitas. Este pluralismo é, então, aproximado a uma estrutura prévia: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. Uma religião é chamada exclusiva, se ela proclama ser a única via. Ela é inclusiva, se ela tolera outras religiões, porém segundo suas próprias condições. E ela é pluralista, se ela aceita vários caminhos. O conflito inter-religioso pode ser evitado, sendo adotada uma posição pluralista".

"Confessar que Jesus é o único salvador – para Amaladoss - é reconhecer que o mistério que chamamos Jesus está presente e ativo em todo lugar, e não pretender algum tipo de superioridade para Jesus. Este verdadeiro mistério nos chama à colaboração entre os vários caminhos pelos quais se manifesta na história. A manifestação encarnada do Verbo não é sua única manifestação, porém é uma manifestação especial, mas sua especialidade é um serviço humilde. Sua função é estar a serviço do mistério e de suas muitas manifestações. O serviço a que ele visa e o qual exige é o do diálogo".

Na conclusão do seu texto, o teólogo indiano, esclarece que a frase "O Deus de todos os nomes" poderia dar a impressão de que as diferentes religiões são apenas nomes diferentes para um e o mesmo Deus.

Segundo Amaladoss, "esta imagem não expressa seriamente a identidade e diferença das várias religiões. Cada religião é um entreato da paz divina e humana. Elas são diferentes experiências e expressões do encontro divino-humano. Deus não é nem um denominador comum, nem o grande desconhecido. Deus é a fonte de riqueza e da diversidade. Deus se manifesta a si mesmo de várias maneiras a vários povos em várias épocas e em várias culturas

sob várias circunstâncias históricas. Deus é a fonte inexaurível de tal diversidade. Por isso, o pluralismo precisa ser reconhecido, aceito e respeitado, mas este pluralismo não é caótico. Há um só Deus e este Deus tem um plano para o universo que está se realizando na história. Nós cremos que este plano inclui também uma manifestação encarnada do Verbo de Deus, ao lado da presença e ação universal do Verbo e do Espírito, porém ela é pensada como sacramental". A Editora Unisinos está traduzindo e, brevemente, publicará o livro ***Making Harmony. Living in a pluralist world*** de Michael Amaladoss. O livro será publicado na coleção *Theologia Publica*. ***Cadernos de Teologia Pública*** podem ser adquiridos na Livraria Cultural e/ou no endereço humanitas@unisinos.br

(Voltar ao índice)

IHU REPÓRTER

Chaiane Thiesen Bitelo

*Nesta semana, os leitores do **IHU On-Line** conhecerão Chaiane Thiesen Bitelo, que trabalha na Central de Eventos da Unisinos e está sempre no Instituto Humanitas Unisinos, ajudando a monitorar as atividades do IHU. Ao contar sua história de vida, Chaiane se descreve como uma pessoa extremamente racional em alguns momentos, principalmente no trabalho e com questões de ordem financeira. "Sou bastante exigente comigo mesma, cobro muito de mim em relação ao que devo fazer e fico chateada quando erro, quando não correspondo ao que os outros esperam de mim", confessa. Em compensação, a jovem se diz bastante maternal, pois gosta de acolher as pessoas, de conversar com os amigos que a procuram pedindo uma força.*

Origens – Nasci em São Leopoldo e fui filha única até os 14 anos, quando nasceu meu irmão Cássio, que hoje tem 8 anos. Marcou-me na infância a forma como meus pais sempre souberam lidar com as dificuldades financeiras, estabelecendo prioridades na vida para bem estruturar a família. Os dois vieram do interior do Estado, de famílias de agricultores. Meu pai é metalúrgico e trabalha na mesma empresa há 30 anos. Minha mãe foi comerciante, bancária e, desde que meu irmão nasceu, optou por ficar em casa cuidando dele e dos afazeres domésticos.

Formação – Estudei sempre em São Leopoldo. Até o pré fiquei na Creche Maternal Jesus Menino. Depois, cursei até a 5ª série na Escola Municipal Olímpio Viana Albrecht, no bairro Feitoria, que ficava perto de minha residência. Da 6ª série até o final do segundo grau, estudei no Instituto Rio Branco, uma escola particular. No ensino médio, escolhi o curso técnico de processamento de dados. Descobri que era isso o que eu queria. Decidi fazer vestibular e

comecei a cursar Informática – Análise de Sistemas na Unisinos, até o final do segundo semestre de 2003. Em função de mudanças na vida profissional, e também porque achei que eu já havia chegado ao limite do que queria aprender sobre informática, solicitei a transferência para o curso de Publicidade e Propaganda, também aqui na Unisinos. Hoje estou muito feliz cursando o 3º semestre.

Profissão – Logo quando comecei a cursar Informática na Unisinos, fiz um teste e entrei como estagiária na Central de Eventos da Unisinos, onde permaneci por 2 anos. Quando encerrou o meu contrato, preenchi uma vaga que havia sido aberta na antiga Procex, hoje Educação Continuada da Unisinos. Lá, já como funcionária da Universidade, eu atendia aos cursos da comunicação, em contato direto com os professores. Depois de um ano, em julho de 2003, voltei a Central de Eventos, onde estou até hoje. Esse setor é uma grande escola para mim. Trabalho com profissionais que têm larga experiência no que fazem, que me possibilitam aprender cada vez mais. A Central de Eventos atende a Unisinos inteira e está por dentro de assuntos que, muitas vezes, diversos setores da Universidade nem sabem. Quando não temos alguma informação, sabemos quem a tem, quem deve ser procurado. No ano passado, tive uma experiência muito interessante como professora de informática no projeto Inclusão Digital, do Instituto Humanitas Unisinos. Faz uma semana que passei a fazer parte, também, dedicando metade da minha carga horária, à equipe do Projeto Sinergia, atendendo a extensão como um todo, que incluem os cursos da Educação Continuada, o Unilínguas e os eventos.

Curta-metragem – Além do meu trabalho na Unisinos, integro um grupo que está na produção de um curta-metragem. Nosso grupo se chama Grande Angular Produções. Estamos trabalhando há um ano, no filme intitulado *O Gritador.* Decidimos convidar para interpretar o papel principal um ator de renome, Werner Schünemann, que aceitou sem cobrar cachê, por essa ser nossa primeira produção e porque ele faz questão de incentivar a produção audiovisual. Fizemos as gravações nesse último final de semana, dias 1º e 2 de maio, aqui na Unisinos, com o equipamento da TV Unisinos, que nos apóia no projeto. *O Gritador* conta a história de Alastor, um homem maldoso, que vivia com a mãe num local afastado da cidade. Ele tinha o costume de maltratar pessoas e animais. Para dar uma lição nele, sua mãe desencilha e liberta o cavalo de Alastor. Ele, para vingar-se, faz com que ela o carregue nas costas até uma festa na cidade. Diz a lenda que a mãe de Alastor morreu no meio do caminho, mas antes rogou uma praga ao filho: ele permaneceria vagando pelas matas sem rumo. Até hoje, em Cambará do Sul, nos campos de cima da serra, existe o mito de que nunca se pode responder gritos que venham de dentro dos *canions*. Seria Alastor clamando por liberdade. A segunda etapa de filmagens está prevista para junho, em Cambará do Sul. A direção e o roteiro são de Carlos Porto e de Ulisses Costa. Eu e o Jackson Ritter estamos na produção executiva e meu noivo, André, é o diretor de fotografia.

Noivado e planos para o futuro – O André trabalha na TV Unisinos e entrou aqui mais ou menos na mesma época que eu. Nós pegávamos o mesmo ônibus para ir embora e começamos a fazer amizade. Descobrimos que tínhamos muita afinidade e que nosso pensamento é muito parecido. Nossa amizade foi ficando mais forte. Há dois anos, começamos a sair e as coisas foram acontecendo aos poucos. Mesmo namorando, sempre mantivemos a liberdade individual. Em outubro do ano passado, ficamos noivos. Nosso relacionamento se baseia na amizade e na troca. No início deste ano, compramos um apartamento. Estamos reformando, comprando móveis e, quando estiver pronto, pretendemos ir morar juntos. Mais

tarde, de repente, poderá sair uma simples cerimônia de casamento. Não será um casamento tradicional, e nossas famílias concordam com a nossa decisão.

Autor – Jostein Gaarder.

Livro – ***O Mundo de Sofia***, de Jostein Gaarder.

Filme – *À espera de um milagre*, de Frank Darabont.

Nas horas livres – Ler, assistir a filmes, ficar tranqüila, em casa, tomando chimarrão, curtindo a família.

Um sonho – Conquistar a meta que tracei, de ter uma estabilidade no futuro, fazendo aquilo de que gosto. Outro sonho é ser professora.

Unisinos – Sempre tive a Unisinos como referência, pois dois tios e minha mãe estudaram aqui. Depois que eu vim estudar e passei a trabalhar aqui, isso se tornou ainda mais forte em mim. Adoro chegar de manhã, ir caminhando em direção ao meu setor, e observar o sol, as flores, os patos e passarinhos que passam. Isso me dá uma energia muito grande e me faz amar demais esse lugar. A Unisinos é uma instituição sempre inovadora. Esse momento de implantação do projeto Sinergia é algo muito importante, do qual eu gosto muito de fazer parte. É uma fase que exige, inclusive, uma mudança de cultura.

Instituto Humanitas Unisinos – O IHU tem uma ligação muito forte com a missão da Unisinos. Por meio dos seus projetos e promoção de eventos, consegue pôr em prática o lado humanitário da Universidade. Ele nos tira da sala de aula e nos faz interagir com as diversas áreas de conhecimento.

(Voltar ao índice)

Sala de Leitura

"Ultimei a leitura de ***As obras-primas que poucos leram***, em dois volumes (com 473 e 361 páginas), organizado por Heloísa Seixas (Rio de Janeiro: Record, 2004). Esse livro reúne 70 artigos (originalmente publicados na imprensa, entre 1972 e 1976), abordando várias das mais importantes obras da literatura. Sobressaem os 23 artigos assinados por Otto Maria Carpeaux (credenciado pela autoria de ***História da literatura ocidental***, em oito volumes), especialmente os reservados à obra de Franz Kafka, ao ***Dom Quixote,*** de Cervantes e à ***Morte em Veneza,*** de Thomas Mann. Também merecem destaque os artigos de Paulo Mendes Campos, em especial os dedicados à obra de Proust e ao livro ***Coração nas trevas***, de Joseph Conrad. Para o ocasional leitor de obras clássicas, sem intimidade com a crítica literária mais densa, os textos selecionados propiciam leitura agradável e proveitosa".
Marco Aurélio Lisboa, professor na Unidade de Ciências Econômicas da Unisinos.

"Estou lendo o livro ***A solidão dos moribundos***, de Norbert Elias. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001). Neste pequeno livro (são 107 páginas), estão publicados um ensaio e uma conferência – *A solidão dos Moribundos e Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos* - publicadas pela primeira vez, na Alemanha, em 1982. Ao tratar da experiência da morte e da experiência de envelhecer, Norbert Elias segue sua discussão sobre os processos civilizadores, contando como era morrer em outras épocas e como é morrer na sociedade contemporânea. O texto do sociólogo rigoroso se mistura com a observação de seu próprio envelhecimento, oferecendo uma reflexão bem-vinda a todos nós que pertencemos à 'comunidade dos mortais'".

Prof.ª Dr.ª Christa Berger, professora no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos

"Recentemente, terminei de ler ***Para uma nova gramática do português***, 3.ed., de Mário Perini. (São Paulo: Ática, 1986). A gramática tradicional é teoricamente inconsistente, internamente incoerente e predominantemente normativa. É assim que o professor Perini abre sua obra supra citada, 'botando os cachorros' na gramática que, ainda, está em vigor nas escolas. Por normativa, entenda-se 'arbitrária', e ninguém mais, nos dias de hoje, quer engolir regras e normas simplesmente 'porque sim'. Ele propõe uma gramática mais voltada para a Lingüística, que seja mais descritiva e mais explicativa sobre a língua. Uma das críticas que faz, por exemplo, é que a normativa traz exemplos em forma de frases isoladas, como se tais frases por si só encerrassem verdades absolutas. Na verdade, sabemos que os enunciados assumem diferentes significados em diferentes contextos. 'A porta está aberta' não quer dizer simplesmente que a porta está aberta. Em uma certa situação, quer dizer 'fecha a porta. O bairro é perigoso'; em outra situação, pode estar dizendo 'pode entrar, estou te aguardando'; ou pode significar que a porta está aberta para a construção de uma nova gramática do Português".

Paulo Ricardo Firmino, professor no Instituto de Idiomas Unilínguas, da Unisinos.

(Voltar ao índice)

Errata

Agradecemos as correções, reproduzidas a seguir, feitas pelo produtor de discos, jornalista, publicitário e educador Arnaldo DeSouteiro, em relação a duas notas de rodapé publicadas no ***IHU On-Line*** 139ª edição, de 2 de maio de 2005, cujo tema de capa foi *Jazz: o som da surpresa*.

A nota número 25, sobre Flora Purim, dizia o seguinte: "nasceu no Rio de Janeiro, em 1942. Violonista, pianista e cantora. Trabalhou com músicos como Stan Gezt. Fez carreira solo e por quatro anos (1994 a 1997) foi escolhida a melhor cantora de jazz pela crítica norte-americana". A grafia correta é Getz, ao invés de Gezt. Ela nunca gravou com Getz, apenas realizou uma excursão pela Europa, em 1968. Flora toca violão, mas nunca tocou piano - pelo menos não profissionalmente, embora tenha estudado piano clássico na infância com a mãe, Rachel Purim, pianista amadora. Flora foi eleita, pelos leitores da revista ***DownBeat***, considerada "a bíblia do jazz", a melhor cantora de jazz do mundo por 6 (seis) anos consecutivos, de 1974 a 1979.

A nota número 22, que diferenciava *cool jazz* de *bebop* dizia o seguinte: "*cool jazz* é um estilo musical mais simples do que o *bepob*, menos exigente auditivamente. Já o *bepop* caracteriza-se por arranjos requintados". Na realidade, o *cool-jazz* surgiu como movimento de oposição ao virtuosismo *caliente* do *bebop*, que muitos artífices do *cool* (também chamado de "West Coast

jazz") consideravam excessivamente rebuscado. Mas jamais poderíamos considerá-lo como inferior ou menos exigente auditivamente do que o *bebop*. Ambos os estilos trouxeram, em suas gravações modelares, arranjos requintados. O *bebop* tinha como ponto forte a composição e o improviso, enquanto os mestres do *cool* preferiam formações maiores que permitissem arranjos orquestrais.

(Voltar ao índice)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Hiliana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaño (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br . Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.